



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

ANA LUÍSA RODRIGUES CAMPOS
MARISA SOUZA PACHECO WANZELLER

DA PISTA AO LUXO

Uma reportagem sobre a prostituição no Distrito Federal

Brasília

2019

ANA LUÍSA RODRIGUES CAMPOS
MARISA SOUZA PACHECO WANZELLER

DA PISTA AO LUXO

Uma reportagem sobre a prostituição no Distrito Federal

Memorial do produto Da pista ao luxo - Uma reportagem sobre a prostituição no Distrito Federal. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Organizacional.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Henrique Pereira

Brasília
2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Henrique Pereira
Orientador

Prof. Dr.^a Elen Cristina Geraldes (membro)
Examinadora

Prof. Dra. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho (membro)
Examinadora

Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago (suplente)
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao professor Fábio Pereira por aceitar nossa proposta e nos acompanhar ao longo deste semestre com olhar atento e incentivador.

Às nossas famílias, amigos e namorados, que nos deram base, incentivo e amor para que pudéssemos chegar até este momento. Em destaque, nossos pais e irmãos que nos acompanharam durante toda a trajetória acadêmica: Cássio, Maria do Carmo, Natália, Ronaldo, Rosângela, Tássia e Diogo.

Aos nossos amigos Camila Martins, Luan Alves e Natália Carolino, pelos quatro anos de apoio, trocas de experiências e momentos compartilhados.

À Giulia Castro, amiga que nos apoiou ajudando com a formatação e revisão deste trabalho.

Às professoras Elen Cristina Geraldês e Janara Kalline Sousa, por marcarem nossa graduação nos inspirando a ser comunicólogas éticas, responsáveis e cientes do nosso papel como profissionais frente à sociedade.

A Danilo Lins, designer gráfico que ilustrou e diagramou este projeto nos ajudando financeiramente.

À Juliana, Letícia, Bárbara, Veronika e Melissa, por compartilharem conosco suas histórias e intimidades que serviram de base para produção deste material.

“Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa
própria substância” Simone de Beauvoir

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um memorial do livro-reportagem *Da pista ao Luxo - Uma reportagem sobre a prostituição no Distrito Federal* que retrata o mercado do sexo sob a ótica de garotas de programa e dos agentes sociais inseridos nessa realidade. As autoras buscaram nas ruas, em pontos de prostituição, além de sites e mídias sociais, garotas de programa interessadas em contar suas histórias e rotinas, além de instituições religiosas – que muitas vezes refletem valores morais na sociedade – e políticas – para compreender a posição do Estado perante a atividade. A produção do livro teve como base a perspectiva do jornalismo literário, estudos de sociologia do desvio (Becker) e o conceito de estigma (Goffman) na análise da prostituição como fenômeno social. O resultado do projeto realizado ao longo de um semestre foi uma grande reportagem onde histórias de mulheres, atores sociais que se definem além da profissão prostituta, são relatadas e analisadas no contexto social.

Palavras-chave: jornalismo; livro-reportagem; prostituição; Distrito Federal

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	07
2.	JUSTIFICATIVA	11
2.1.	Do tema	11
2.2.	Do produto	12
3.	REFERENCIAL TEÓRICO	15
3.1.	Prostituição	15
3.2.	Feminismo e prostituição	17
3.3.	Estigma e desvio	19
3.4.	Jornalismo literário	22
4.	METODOLOGIA	26
4.1.	Do pré-projeto	26
4.2.	Do projeto final	28
4.2.1.	Entrevistas	
4.2.2.	Pesquisa documental	
4.2.3.	Ilustração e diagramação	
5.	O PRODUTO	41
5.1.	A apuração	41
5.2.	O livro reportagem	44
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
7.	REFERÊNCIAS	51
	APÊNDICES	56
	APÊNDICE A- Cronograma	
	APÊNDICE B - Roteiro de entrevista - Garotas de Programa	
	APÊNDICE C - Roteiro de entrevista - Clientes	
	APÊNDICE D - Roteiro de entrevista - Instituições Religiosas	
	APÊNDICE E - Rascunhos do projeto gráfico	
	APÊNDICE F - Orçamento	
	ANEXOS	63
	ANEXO A - Projeto de Lei Gabriela Leite	

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a prostituição é legal e, desde 2002, reconhecida pelo Ministério do Trabalho. Entretanto, a exploração sexual de terceiros e a facilitação desse serviço se constitui em crime de rufianismo, com pena de até quatro anos de prisão. Atualmente, tanto no Código Penal Brasileiro quanto no imaginário social, a prostituição está fortemente atrelada à exploração sexual.

Em 2012, o ex-deputado Jean Wyllys propôs um Projeto de Lei (PL) com intuito de regulamentar a atividade dos profissionais do sexo.¹ No texto apresentado ao Congresso Nacional, a exploração sexual foi definida - algo não esclarecido atualmente no Código Penal - como prostituição exercida por menores de 18 anos, coação de pessoas para a atividade, o não pagamento por serviços sexuais e a apropriação de mais de 50% do valor do serviço por outras pessoas. Em caso do projeto se tornar lei, casas de prostituição que funcionassem regularmente estariam dentro da legalidade e os trabalhadores teriam aposentadoria especial, sendo possível usufruir do direito após 25 anos de contribuição. O Projeto acalorou o debate social acerca do tema, antes, ignorado. Acadêmicos, políticos e feministas tomaram posições sobre a regulamentação ou não da prostituição.

Apesar desse debate, a profissão ainda é vista de forma estigmatizada pela sociedade. O termo prostituta e o ambiente que o envolve remete a outras características e práticas, mesmo que nem sempre sejam de fato executadas pelos indivíduos envolvidos, tais como crimes de exploração sexual e tráfico de drogas. Isso aponta um processo de rotulação social o qual as autoras se propõem a analisar de maneira sistêmica, buscando entender o contexto que permeia o mercado do sexo. Como diferentes atores sociais (Estado, clientes e instituições) enxergam a prostituição? Como as próprias profissionais se enxergam perante a sociedade?

Com o intuito de responder a essas perguntas e desassociar a prostituição do rótulo de comportamento desviante, o livro-reportagem *Da pista ao luxo*, produto resultante deste Trabalho de Conclusão de Curso em

¹ O PL é datado de 2003, mas estava parado e foi resgatado nove anos depois.

Comunicação Organizacional, aborda o mercado do sexo sob uma perspectiva diferente. O diálogo com diversos segmentos sociais (político, econômico, religioso, acadêmico e o próprio ramo da prostituição), permitiu uma análise mais profunda da realidade da profissão e do entendimento coletivo acerca dela.

Nesse sentido, este memorial visa registrar o processo de concepção e a produção de um livro-reportagem que retrata vidas e histórias de garotas de programa atuantes no Distrito Federal. Seis mulheres profissionais do sexo foram entrevistadas com intuito de compreender o cotidiano e as trajetórias de quem trabalha nesse mercado diariamente, dando voz a elas sobre os temas que envolvem a atividade, sobre dificuldades, vantagens e desejos de mudanças. Aspectos relacionados a gênero, sexualidade e condições socioeconômicas das garotas de programa foram abordados. Também tiveram espaço no livro, profissionais de saúde, instituições religiosas, representantes do Estado e clientes.

Para amparar essa discussão, o memorial foi baseado nos trabalhos de sociologia do desvio de Howard Becker, autor do livro *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*. Segundo ele, "regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como 'certas' e proibindo outras como 'erradas'" (BECKER, 2009, p.90). Assim, para o sociólogo norte-americano, mesmo que os outsiders não infrinjam nenhuma norma, são tachados como desviantes.

Esse é o caso da atividade de prostituição, visto que várias narrativas sociais, como a religião, geralmente condenam as profissionais do sexo, rotulando-as como pessoas imorais. Nesse sentido, Goffman (1980, p.138) pontua o estigma e o desvio dentro do contexto social e aborda o mercado do sexo em sua narrativa. "É provável que o mais afortunado dos normais tenha o seu defeito semi-escondido, e para cada pequeno defeito há sempre uma ocasião social em que ele aparecerá com toda a força, criando uma brecha vergonhosa entre a identidade social virtual e a identidade social real".

A estigmatização e a rotulação aplicadas a esse grupo específico são tão fortes, que não importa os demais aspectos da vida de uma garota de

programa, o fato de ela ser prostituta é sua característica mais importante e que define todo o resto do imaginário que se tem sobre ela. “Mulheres promíscuas, mentirosas, sedutoras, escandalosas, violentas e fonte de doenças”, nas palavras de Capela (2013, p.152).

O preconceito, resultado desse processo de estigmatização, pode ser um motivo gerador de violências, físicas ou simbólicas. Uma sociedade preconceituosa se torna tóxica àqueles que transparecem suas diferenças, que saem do padrão, que são desviantes. Como forma de questionar esse processo, as autoras deste memorial buscaram esclarecer histórias e dar luz a parte daquelas mulheres que vivem à margem da sociedade. Para isso, mapearam diferentes atores sociais que interagem com a prostituição, contaram histórias de vida de prostitutas e relatos dos diferentes entrevistados e discutiram em contexto mais amplo políticas no país que atendam a este público.

A proposta deste trabalho é apresentar a prostituição por meio de uma narrativa pouco encontrada em livros, jornais e outros meios de comunicação. Buscamos a voz de quem vive nesse meio, não apenas de quem olha por fora.

Optou-se por um olhar de caráter mais empírico. Buscamos ir além das manchetes que representam a prostituição sempre de forma estigmatizada, negativa ou vitimizada. Para isso, o contato pessoal com as profissionais foi de singular importância para a construção desta narrativa. Para cumprir o objetivo de dar voz às garotas de programa, foi preciso encontrar mulheres dispostas a compartilhar conosco suas histórias, rotinas e intimidades.

Com o intuito de incentivar um novo olhar social para a prostituição, vê-se o jornalismo literário como uma alternativa ideal. Assim, é possível desenvolver com certa liberdade a proposta de ouvir pessoas e contar suas histórias.

O projeto está dividido em seis eixos: justificativa, onde as autoras explicam a escolha do tema e do produto, bem como a importância social do trabalho; referencial teórico, onde são analisados os conceitos-chaves que embasaram a produção do livro-reportagem; metodologia, métodos de trabalho utilizados para pesquisa e formulação da narrativa; produto, onde os capítulos

do livro são detalhados, levando em conta suas abordagens e intenções; anexos, materiais externos utilizados; e referências.

2. JUSTIFICATIVA

2.1. Do tema

Estudo realizado pela professora Valeska Zanello, do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília (UnB), mostra que 60% a 80% dos xingamentos dirigidos à mulheres são relacionados com comportamento sexual. “O xingamento é uma arma poderosa de controle social. (...) Isso aponta para uma espécie de controle sexual das mulheres”, afirmou a professora em palestra na UnB. Zanello explica o xingamento como resultado de um processo histórico cultural e que carrega tabus e preconceitos em sua essência.

Com mais de 700 pessoas entrevistadas em todas as faixas etárias e classes sociais, a constatação foi: o pior xingamento que alguém pode usar para se referir a uma mulher é “puta”. Esse resultado reforça a existência do estigma que perpassa na vida das garotas de programa, com toda a rotulação e associação existente na palavra prostituta e suas derivações.

Em 2002, pesquisa realizada pela Universidade de Brasília a pedido do Ministério da Saúde estimava que 25 mil mulheres no Brasil se prostituíam. Dessas, cerca de 46% possuíam entre 20 e 29 anos e 67%, primeiro grau incompleto.

A importância de se falar em prostituição no Distrito Federal, está em entender a realidade de mulheres que sofrem violências verbais e físicas diariamente, mas que são caladas por um sistema que nem sempre as protege, que não as dão garantias para cobrar seus direitos, uma sociedade que invalida suas palavras e opiniões por trás de julgamentos.

O primeiro contato das autoras com o tema se deu em relatos da mãe de uma delas. Ao vir de Minas Gerais para Brasília, Maria do Carmo teve conhecimento da prostituição que ocorre na zona central da cidade quando, ao encontrar um local para residir, o dividia com profissionais do sexo as quais também trabalhavam nas proximidades.

Quando sugerido, o assunto logo chamou a atenção, visto que uma das escritoras havia estudado sobre regulamentação da prostituição para realizar um trabalho da disciplina Sociologia da Comunicação em um intercâmbio acadêmico em Portugal. Nesses estudos, ela percebeu que os prós e contras da regulamentação dessa atividade são vários, as opiniões são muitas, mas poucos são os dados concretos sobre os fenômenos em torno da prostituição. Na Europa, o modelo legalizador já foi implementado em alguns países e alguns grupos, como o feminismo radical, são a favor do modelo abolicionista ou proibicionista, enfatizando os danos à saúde mental que a venda do sexo pode causar em uma mulher.

Ao pensar no funcionamento da atividade na capital do Brasil, há ainda uma série de fatores a se considerar. Em Brasília, fica localizada a alta cúpula do poder público do país, isso influencia diretamente nas atividades socioeconômicas praticadas na região e os relacionamentos interpessoais estabelecidos. Assim, o funcionamento da prostituição também se difere nessa cidade peculiar. As casas noturnas, por exemplo, seguem, inclusive, a agenda parlamentar.

Desde a construção da Capital, a prostituição se faz presente. Com a vinda dos candangos, surgiram os prostíbulos e mulheres de diversas cidades vieram para trabalhar com a venda do sexo. Ao longo da história escândalos de políticos envolvidos com a prostituição já foram destaque nas mídias, assim como posicionamentos contrários à tal atividade.

Ao procurar sobre o tema, as autoras deste projeto notaram que, na mídia convencional, o assunto é sempre tratado com olhar pejorativo, com foco na moralidade e nos distúrbios sociais supostamente causados pela prostituição. Assim, decidiram apresentar ao público um outro olhar, o das profissionais que estão por trás dessa atividade.

2.2. Do produto

A escolha por produzir um livro-reportagem deu-se pelo formato livre em que é possível contar histórias. Inserir as falas dos personagens, cada um com

sua particularidade, detalhar cenários, pessoas e momentos são características que permitiram às estudantes produzir a reportagem com o olhar pretendido, com humanização e aprofundamento das histórias retratadas.

A título de referência, as estudantes utilizaram os livros *Estamos aqui - Histórias das vítimas de conflito no leste africano*, de Jéssica Paula Prego, e *O olho da rua*, de Eliane Brum.

Em *estamos aqui*, Jéssica Paula Prego conta histórias que resultaram de apurações em sua viagem pelo Sudão, Sudão do Sul e Uganda, três países sob conflito no leste africano. O projeto pretendeu, portanto, “Colocar relatos pessoais como verdadeiros protagonistas de uma história, até então somente contada através de ofícios e números” (PREGO, 2014, p.7).

O ponto chave colocado por Jéssica em sua narrativa, é a oportunidade de dar espaço de fala a pessoas que, até então, não tiveram oportunidade. Nesse contexto, tanto a autora de *Estamos aqui*, quanto as autoras de *Da pista ao luxo*, utilizaram-se dos relatos de Eliane Brum para fazer uma boa reportagem.

Como repórter e como gente eu sempre achei que mais importante do que saber perguntar era saber ouvir a resposta... Eu não arranco nada. Só me comprometo a ouvir, a escutar de verdade, sem preconceitos. Mais do que saber perguntar precisamos saber ouvir. (BRUM, 2008, p. 11 apud PREGO, 2014, p.7)

Dez reportagens feitas por Eliane Brum estão reunidas em *O olho da rua - Uma repórter em busca da literatura da vida real* (2008). A jornalista narra os bastidores de cada reportagem, não só os acontecimentos, mas também os pensamentos e atitudes, dela, enquanto repórter e alguém que interagem diretamente com personagens e fontes. Eliane, ao final de cada reportagem, questiona e analisa suas próprias atitudes e métodos utilizados como profissional e ser-humano.

O título *Da pista ao luxo* fomenta, dentro da esfera da prostituição, uma análise sobre as diferenças sociais e financeiras entre as atuantes do ramo. Reflexo de uma sociedade com discrepantes realidades sociais e econômicas, o mercado do sexo também se ramifica dessa forma.

Os contextos e ambientes profissionais revelam muito sobre as características e condições financeiras, intelectuais e sociais de uma garota de programa. Silva e Blanchette (2008, apud CAPELLE, SILVA, 2017, p.5), enxerga a prostituição de luxo como "fechada", mais privativa que a das ruas. A venda do sexo elitizada seria "aquela em que os clientes pagam preços exorbitantes por um programa. As prostitutas acompanham e prestam serviços sexuais para homens de posses, incluindo deputados, jogadores de futebol, atores" (CAPELLE, SILVA, 2017, p.5).

Ao encontro do que foi observado nas apurações deste trabalho, Oliveira (2008, apud CAPELLE, SILVA, 2017, p.5) relata que a categoria das prostitutas de luxo é composta, em sua maioria, por mulheres que captam seus clientes em boates, nas áreas nobres da cidade, por meio de anúncios em jornais, sites ou por telefone. O ambiente de trabalho requintado e o nível dos clientes acompanhados nesse domínio cobram postura, trajes e condições de atendimento superiores aos de mulheres que atuam nas ruas. Em contrapartida, os valores dos programas sobem consideravelmente e, por conseguinte, as condições financeiras de vida dessas profissionais, também.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Para embasar o processo de criação do livro *Da Pista ao luxo - Uma reportagem sobre a prostituição no Distrito Federal*, as autoras selecionaram as seguintes perspectivas para analisar o objeto: prostituição, relações entre feminismo e prostituição, estigma, desvio e jornalismo literário.

3.1. Prostituição

Para desenvolver uma narrativa que conta a história de vida de garotas de programa, foi necessário entender o que é a prostituição e seus fenômenos sociais.

Segundo Ceccarelli (2008, p.1) a prostituição caracteriza-se não apenas pela troca de relações sexuais por dinheiro, mas também por favores profissionais, informações, bens materiais e muitas outras coisas. Tal afirmação foi identificada também nas falas das profissionais entrevistadas e ainda na fala da delegada e mestre em sociologia Cyntia Cristina de Carvalho e Silva. Ela exemplifica alguns tipos de prostituição: mulheres que trabalham no ramo para arcar com as despesas de cursar um ensino superior pago, outras que vendem sexo em troca de artigos de luxo, como bolsas de marca.

Ainda sobre o que é a prostituição, Cyntia Silva (2016) resgata um fato histórico pouco conhecido popularmente. Para além de ser considerada a profissão mais antiga do mundo, a prostituição já foi tida como ritual religioso. Segundo a delegada, "em diversas civilizações da Antiguidade, (a prostituição) não era um ofício, mas um ato de sacrifício aos deuses". "Ao longo da história, à prostituição já foram atribuídos diversos significados, desde os mais elevados propósitos religiosos, como vestais a serviço de rituais de purificação, à representação da sodomia e devassidão" (GAVRIS & BANCIU, 2009 apud SILVA, 2016, p.25)

De acordo com Kátia Guimarães e Edgar Merchán-Hamann (2005, p.525), a prostituição é uma prática milenar que tem o exercício controlado da sexualidade via instituições sociais, "variando da satanização, isto é, o controle

exercido pela instituição religiosa, passando pela proibição expressa em códigos civis, e chegando, finalmente, nos dias atuais no Brasil, à demanda pela sua legalização, como atividade profissional”.

Ainda segundo a autora, a prostituta foi tachada ao longo da história como transgressora das regras e normas estipuladas socialmente para o exercício da feminilidade. A mulher prostituta fere os ideais que a sociedade patriarcal e machista espera.

Tanto a construção do estigma em relação ao exercício da prostituição, bem como os mecanismos de respostas sociais de discriminação e preconceitos, decorrem da sucessão de fatos históricos, nos quais a prostituta foi responsabilizada pela disseminação de doenças adquiridas pelo ato sexual. (GUIMARÃES e MERCHÁN-HAMANN, 2005, p.530)

Em 1980, dois fenômenos marcam o país: a epidemia de Aids associada a “grupos de risco” e a mobilização de movimentos sociais em prol do restabelecimento da democracia pós ditadura militar. Nesse contexto, iniciou-se a luta por direitos civis e políticos das mulheres prostitutas. Atualmente, mesmo que a prostituição esteja associada a um grupo marginalizado, existe o discurso de politização de quem exerce o ofício, a reivindicação de direitos. Entretanto, o debate da profissionalização da atividade requer reflexões em diversos âmbitos, não apenas na legalidade.

Em fevereiro de 2007, na Consulta Regional sobre Trabalho Sexual e HIV na América Latina e Caribe, os direitos sexuais apareceram pela primeira vez na discursividade pública do movimento latino-americano (OLIVAR, 2012, p.91). Na ocasião, Gabriela Leite, prostituta aposentada e representante do movimento, propôs considerar a prostituição como um direito sexual, no marco da igualdade de gênero (STRACK, 2007, apud OLIVAR, 2012, p.91).

No Brasil, as prostitutas começam a dar visibilidade à imagem de categoria disposta a reivindicar seus direitos diante da sociedade através da liderança de Gabriela Leite. As primeiras entrevistas que Gabriela concedeu à imprensa causaram forte impacto junto à opinião pública. Desde o início o seu discurso é lírico, apaixonado, emocional e com grande força literária. Mas também irá se caracterizar por ser profundamente questionador do padrão burguês de organização social e familiar, incisivo, agressivo na defesa da categoria e valorizador da cultura e modos de vida daqueles que são identificados como os marginalizados e excluídos (MORAES, 1996, p.196, apud DIAS, 2017, p.69).

A prostituição é um ofício com considerável número de trabalhadores e, como as demais profissões, possui significativo impacto social. Tratar o mercado do sexo com indiferença é rejeitar a necessidade de se pautar a saúde e a segurança das profissionais, bem como o debate que cerca o tema: discussões sobre a regulamentação, sobre a cultura do estigma e do desvio, entre outros.

3.2. Feminismo e prostituição

Elisiane Pasini (2005), doutora em Ciências Sociais pela Unicamp, é uma das referências deste trabalho. Seu artigo *Prostituição e a liberdade* traz as diferentes leituras feministas acerca da prostituição. De maneira polarizada, o debate se divide entre a corrente feminista radical, a qual entende a venda do sexo como um ato de submissão da mulher, e a corrente feminista liberal, que compreende o ofício como uma escolha pessoal de cada trabalhadora.

O feminismo radical encara a profissão com o

entendimento de que a prostituição é uma violência contra a mulher - violência não somente na prática da prostituição, mas ainda mais fundamentalmente pela ideia do sexo comprado, o qual é intrinsicamente ligado ao sistema de heterossexualidade e ao poder masculino que representa a absoluta corporificação do privilégio do patriarcado masculino (SCOULAR, 2010, p.344).

Dessa maneira, "toda prostituição seria uma forma de violação dos direitos humanos das mulheres, havendo uma falsa distinção entre prostituição forçada e prostituição voluntária" (JEFFREYS, 1997, p.2, apud SCOULAR, 2010, p.344). As feministas radicais não cogitam a prostituição por livre escolha, toda e qualquer situação é vista como imposta, seja ela direta (exploração sexual) ou indiretamente (necessidades financeiras, problemas psicológicos ou traumáticos, entre outros).

Para Pateman (1988, p. 208-209, apud MIGUEL, 2017, p. 12), a prostituição "é a expressão maior da ideia de que a pessoa é uma propriedade que pode ser transacionada e a mais clara forma de institucionalização da subordinação de um ser humano a outro".

A relação contratual entre prostituta e cliente é tida como a transferência da autonomia que a mulher tem sob o próprio corpo para o homem, pelo menos enquanto presta o serviço. Contudo, "na medida em que a situação se repete no tempo, teria um importante impacto na percepção da prostituta sobre si mesma, em especial no que tange à forma como ela vivencia o seu corpo" (SILVA, 2016, p.161). A possibilidade de a profissional passar a se ver como objeto sexual, cujo corpo tem como serventia gerar prazer para um homem, levanta uma grande discussão sobre o senso de identidade construído por cada mulher atuante no ramo.

Em contraponto a essa visão, o feminismo liberal afirma que, entender o contrato sexual entre cliente e garota de programa como uma relação entre senhor e súdita é um equívoco (FRASER, 1997, p. 233, apud MIGUEL, 2017, p. 12). Apesar de prestar o serviço com o objetivo de satisfazer fantasias sexuais masculinas, toda profissional fecha o acordo com limites pré-estabelecidos por ela. "Mais do que adquirir comando sobre a prostituta, o que o cliente recebe é uma encenação deste comando" (FRASER, 1997, p. 233, apud MIGUEL, 2017, p.12).

Assim, a corrente liberal desconstrói a identidade vitimizada da garota de programa e reafirma a autonomia de cada profissional em gerir a sua atuação. Ademais, acredita-se que, ao generalizar a prostituição como uma escolha sempre forçada, o feminismo radical exclui a diversidade existente entre as profissionais, como se fosse inaceitável o fato de uma mulher optar por trabalhar com a venda do sexo por livre e espontânea vontade. "Minha experiência etnográfica em contextos prostitucionais me mostrou que há tanto prostitutas que fizeram sua escolha como aquelas que se sentem obrigadas pela sociedade a estarem na prostituição" (PASINI, 2005, p.3). Nesse sentido, Silva explica que:

Segundo as integrantes dessa corrente, longe de reforçar a dominação masculina, a prostituição possui um aspecto de rebeldia e enfrentamento do poder patriarcal, com a sua visão normativa de como a mulher deve agir e falar. Cada época tem a sua concepção de "mulher honesta", e a prostituta seria uma subversão dessa figura. (SILVA, 2016, p. 162).

As entrevistas com as garotas de programa para o produto deste trabalho enfatizaram a diversidade de contextos existente no meio. Algumas viam a prostituição como uma opção de trabalho temporária, outras, tinham planos duradouros para a profissão. Silva, ao comentar sobre sua experiência com as entrevistas para sua dissertação de mestrado, revela que:

Apesar de elas (acompanhantes) possuírem, por óbvio, necessidades financeiras, elas me pareceram plenamente autônomas, com relevante poder de agência, e algumas até de planejamento, em ter escolhido a prostituição como melhor opção entre aquelas disponíveis para garantirem seus luxos (2016, p. 169).

O mesmo se constata na análise realizada no livro reportagem *Da pista ao luxo*. É preciso destacar que alguns relatos das entrevistadas do livro mostram que os serviços contratados nem sempre dizem respeito à relação sexual. A fantasia do cliente pode ou não envolver o ato, também clientes que contratam o serviço apenas para suporte psicológico, ou seja, que usa da hora negociada para conversar ou desabafar sobre algo.

A esta altura do debate, fica claro que os olhares acerca do mercado do sexo são amplos e variados. Contudo, é importante frisar que essa discussão deve levar em conta, principalmente, o entendimento daquelas que praticam rotineiramente a atividade.

À luz da sociologia da sexualidade, Michel Bozon credits as mudanças contemporâneas relacionadas às conquistas na sexualidade das mulheres ao movimento feminista. “A luta pelo direito de dispor de seu próprio corpo e de suas capacidades reprodutivas foi, sem dúvida, um dos fios condutores mais constantes das reivindicações feministas e um dos mais ajustados às demandas das mulheres” (1954, p.85).

3.3. Estigma e Desvio

De acordo com Johnson (1997, p.70), o desvio, “Em termos sociológicos, difere de comportamento ou aparência que sejam apenas incomuns em sentido estatístico”. Ele cita alguns exemplos:

É extremamente incomum, por exemplo, mas não é um desvio, que alguém seja eleito primeiro-ministro ou presidente de um país. Em contraste, usar drogas ilegais e cometer adultério são comportamentos bastante comuns, a despeito do fato de serem definidos em muitas culturas como desvios.

Esse conceito está ligado diretamente ao estigma, um rótulo social negativo utilizado para taxar pessoas como desviantes. Como o autor explica, tais pessoas são taxadas por características pessoais ou sociais que levam outras pessoas a excluí-las. “O estigma também pode ser aplicado a grupos minoritários, tais como negros judeus e mulheres, cujo único crime consiste simplesmente em fazer parte de uma categoria social estigmatizada”. (JOHNSON, 1997, p.94).

Silva (2016, p.78) estuda em sua dissertação a questão dos comportamentos desviantes, tratado sobre a ótica de Becker, e o estigma que envolve a prostituição, interpretado sob o olhar de Goffman e de Hughes. Assim, fazendo referência a Becker, a autora explica que “uma pessoa pode ser considerada como desviante mesmo sem ter cometido qualquer ato efetivamente infrator, tendo como base, por exemplo, o seu estilo de vida”.

Dessa forma, a prostituição e, especificamente, as prostitutas, seriam rotuladas como desviantes ou *outsiders*. Várias são as narrativas sociais que condenam as profissionais do sexo como pessoas imorais. A religião, por exemplo, é um ponto de muitos desses pensamentos que se passam no imaginário social. Quando um grupo tem grande número de adeptos, seus integrantes se sentem mais amparados em taxar o outro como desviante. O fato do discurso ser apoiado por outras pessoas se torna o bastante para legitimá-lo.

Como relatado por Silva, as prostitutas vivem marginalizadas e julgadas pelo estigma de puta. Segundo Everett Hughes, é por meio desse status social que os direitos, limitações de direitos e obrigações são definidos (HUGHES, 1945, apud SILVA, 2016, p.79). Para o autor, uma profissão possui um status principal que produz expectativas de características secundárias sobre essa pessoa, essas características seriam os status auxiliares. No caso de um médico na América do Norte, o status principal é a licença para exercer a

medicina, e os secundários ou auxiliares são a expectativa de ser homem, branco, da classe média, como pontuado por Cyntia Silva. “No caso de um status principal ser prostituta, contudo, tem-se como status auxiliares as pessoas serem marginalizadas, clandestinas, com baixo nível de educação e escolaridade, criminosas, disseminadora de doenças”. (SILVA, 2016, p. 80).

Mencionado anteriormente, Howard Becker (2009), no livro *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*, explica como se dá a organização social frente aquilo que é tido como desviante. As normas estabelecidas levam a formação dos grupos *outsiders*, fora do padrão. Há ainda, segundo Becker, outro lado do entendimento de quem são os *outsiders*. Os grupos considerados como desviantes por parte da sociedade, também podem taxar essa parte da sociedade como *outsider* e não aceitarem a rotulação, ou mesmo não considerarem esses indivíduos como aptos para rotulá-los dessa maneira. Esta visão representa o olhar das garotas de programa frente à sociedade. Em entrevista às autoras deste trabalho, muitas pontuaram a sociedade como preconceituosa e defasada em relação ao que realmente é a prostituição.

Goffman descreve o termo estigma como uma atribuição profundamente depreciativa dada a alguém no espaço público. “A área de manipulação do estigma, então, pode ser considerada como algo que pertence fundamentalmente à vida pública, ao contato entre estranhos ou simples conhecidos, colocando-se no extremo de um continuum cujo polo oposto é a intimidade” (GOFFMAN, 1988, p.47, apud SILVA, 2016, p.79).

Dessa forma, como explicado por Silva, o termo prostituta é utilizado em forma uma degradação da mulher, visto que o comportamento esperado de uma prostituta frustra as expectativas da mulher ideal em uma sociedade machista.

Bem lembrou Goffman quando tratou sobre o comportamento em lugares públicos que a prostituta de rua seria um ótimo exemplo de regras comunicativas sobre abordagens nas ruas, ressaltando que seus “olhares e gracejos” para atrair clientes “nos dizem precisamente como todas as outras mulheres devem se cuidar para não se comportar (GOFFMAN, 2010, p. 156, apud SILVA, 2016, p.87).

A sociologia da sexualidade também ajuda a entender o estigma acerca da prostituição. Historicamente, a prática sexual das mulheres foi mais vigiada

e limitada que a dos homens. “Na antiguidade grega e romana, enquanto a sexualidade lícita para as mulheres livres se limitava à reprodução dentro do casamento, todos os prazeres eram permitidos aos homens livres e adultos” (BOZON, 1954, p.25). De acordo com Michel Bozon, a institucionalização do cristianismo no Ocidente ainda ocasionou o controle da vida moral dos fiéis e resumiu ao sexo apenas às práticas capazes de permitir a inseminação da mulher.

Com um histórico contexto de estigmatização profissional,

assumir uma identidade publicamente é um importante instrumento de manifestação sociopolítica, entretanto, não é uma tarefa fácil, sobretudo, quando aspectos pessoais, morais e familiares são colocados em xeque. No sentido oposto, a negação da própria existência fortalece o estigma e alimenta o preconceito. (DIAS, 2017, p. 69)

Isto posto, o desafio de enfrentar a discriminação, a fim de se firmarem no mercado como profissionais dignas de respeito, exige um trabalho de desconstrução social e reafirmação diária dessas mulheres. “A assunção da identidade revelada através do reconhecimento do seu trabalho torna-se, para elas, um tema bastante delicado” (MORAES, 1996, p.264, apud DIAS, 2017, p. 69).

3.4. Jornalismo-literário

Nos estudos acerca da narrativa jornalística, o jornalismo-literário surge como uma alternativa ao tradicional. Mais que uma válvula de escape para os que querem fugir das amarras da redação convencional, o jornalismo-literário

potencializa os recursos do jornalismo, ultrapassa os limites dos acontecimentos cotidianos, proporciona visões amplas da realidade, exerce plenamente a cidadania, rompe as correntes burocráticas do lide², evita os definidores primários e, principalmente, garante perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2006, p. 49).

Para entender a união entre jornalismo e literatura, é pertinente, antes de mais nada, destacar suas diferenças. Enquanto o jornalista se pauta no

² Primeira parte de uma notícia, geralmente o primeiro parágrafo. Tem como função nortear o restante da matéria jornalística apresentando os principais tópicos do tema abordado.

acontecimento verídico, no imediatismo e em depoimentos de personagens reais que permeiam o enredo da matéria, o autor literário não tem esse mesmo compromisso. A literatura "vale-se de personagens e não de seres com identidade registrada, não é obrigado a comprovar suas instituições com vozes autorizadas que representem o conhecimento humano" (MEDINA, 1996, p. 212).

A linguagem jornalística tende a voltar-se para os fatos de maneira objetiva, clara e simples a fim de cumprir com o encargo de informar o público leitor. Já a literatura tem o privilégio de utilizar da ambiguidade, do mistério e, às vezes, do ilegível para alguns, pois o escritor "pode se dar ao luxo de alegar que abstrai seu leitor, o jornalista não" (MEDINA, 1996, p. 213). O confronto entre o denotativo e o conotativo se evidencia nesta relação entre jornalismo e literatura. "Um jornalista tem sempre presente uma preocupação - ser preciso. (...) A indefinição pode ser a grande virtude de um texto literário" (MEDINA, 1996, p. 213).

Sob a ótica técnica verbal, são nítidas as fronteiras entre o jornalismo e a literatura. No entanto, quando a análise passa a ser feita em um âmbito mais profundo, levantando critérios acerca dos simbolismos que cercam cada gênero textual (principalmente quando observados frente às relações humanas), existe a "zona obscura", como descreve Medina. Ali, o jornalismo e a literatura se encontram.

Costuma-se dizer por aí que o jornalista tem de dominar o "bom" português. Uma forma reducionista de encarar o desafio. A gramaticalização da norma culta, bem como a gramaticalização da linguagem verbal jornalística são degraus de arrancada. Acima deles há muito que construir: a linguagem da mediação social ultrapassa esses rudimentares patamares. O jornalista precisa, para eticamente se desempenhar na sociedade, dos códigos de relação humana, edificar com solidez a interação social criadora. (MEDINA, 1996, p. 214 - 215).

Assim, mais que o olhar pragmático e objetivo do jornalista tradicional, o jornalista-literário precisa abastecer-se do olhar sensível do artista (da literatura), para se aprofundar em questões antes tratadas de forma breve. "Só um jornalista exposto à sensibilidade, racionalidade e ações criativas precípuas ao artista, poderá, ele próprio, se aperfeiçoar para conviver mais

complexamente com o real imediato" (MEDINA, 1996, p. 215). O jornalismo literário pode recorrer às técnicas literárias, como comentários e descrições, não comuns no jornalismo noticioso, para contar histórias aprofundadas. (SILVA e MAROCCO, 2018, p.37)

Cremilda Medina afirma que o jornalismo se beneficia da relação com a literatura enriquecendo-se, ampliando sua cosmovisão e, conseqüentemente, ampliando suas narrativas. "Acima de tudo, a literatura ajuda o jornalismo a que este se torne mais humano" (MEDINA, 1996, 215).

A humanização das circunstâncias de construção de uma matéria jornalística, por exemplo, é fator primordial para a produção de um conteúdo completo e complexo. Para esse resultado, o jornalista não deve se conter com as técnicas rudimentares da comunicação, mas sim, expandir seus limites pré-estabelecidos, para desfrutar de um contexto empírico que pode lhe surpreender em termos noticiosos. "Se agir frente à pauta com critérios reducionistas, encaminhará todo o trabalho para provar o que antecipadamente já está provado em sua mente. Se agir de modo complexo, abrirá a mente da sua cosmovisão para as múltiplas possibilidades que informa a pauta" (MEDINA, 1996, p. 220).

Segundo Medina, é necessário "abrir os poros e se deixar embeber de um tônus participativo, ao contrário do que pregam os arautos da objetividade". A observação participante é uma oportunidade singular de compreender as distintas realidades que permeiam um mesmo tema. "Não quero dizer que um emocional e desgovernado repórter saia a fazer comício na reportagem política ou pratique a prostituição para desenvolver uma matéria sobre a vida das prostitutas" (MEDINA, 1996, p. 221). O fato é que, para captar e entender a fundo as percepções de uma realidade, principalmente quando se é externa a ela, é preciso imergir na "zona obscura" do jornalismo-literário.

Exercer a captação de informações sobre a circunstância histórica, com bom desempenho profissional, satisfaz apetites industriais imediatistas. Humanizar a pauta, a observação do "real" e a relação com as fontes de informação satisfaz não só alguns apetites industriais avançados como, sobretudo, aplaca anseios sagrados de demandas sociais. (MEDINA, 1996, p. 225).

Por conseguinte, para avançar em termos jornalísticos, o autor-literário deve ir além das certezas técnicas comunicacionais, para "navegar nas dúvidas criativas" (MEDINA, 1996, p.225). Para Eliane Brum, a entrevista deve ser sempre uma relação de confiança entre entrevistador e entrevistado e toda a complexidade do momento deve ser observada (BRUM, 2011 apud MARIANO, 2011, p. 310).

Brum descreve, em entrevista, o processo que ocorre na construção do texto após a apuração como a tentativa de descrever ao leitor um mundo que ele não visitou, "Seja esse mundo uma pessoa ou uma realidade". "E, aí, ele faz suas próprias escolhas e não as tuas. Ele pode ir por vários caminhos, os caminhos dele" (BRUM, 2011 apud MARIANO, 2011, p. 318).

Pode se argumentar que os livros de repórter apresentam o exercício do jornalismo de outro modo e que são importantes para a constituição de um saber das práticas jornalísticas (...) ao ampliar as lentes e as escutas pelas quais a realidade e os sujeitos são observados, levando em consideração a subjetividade nos processos cognitivos envolvidos, potencializa um maior exercício de alteridade na prática jornalística.

Lima (2010, p. 16 apud MARTINEZ, 2013, p.64) reforça o compromisso do jornalista-literário de oferecer ao leitor não apenas a informação sobre alguma coisa, mas fazê-lo "passar pela experiência sensorial, simbólica, de entrar naquele mundo específico que a matéria retrata".

Segundo Roberto Araújo (2004, p.49), a proximidade entre a literatura e o jornalismo começa "a partir do momento em que o texto jornalístico evolui da notícia para a reportagem". Para além do tradicional *lead* - "o que?", "como?", "quando?" e "onde?", nasce uma nova retórica: um conteúdo que não objetiva a notícia quente, mas a informação detalhada.

O livro-reportagem surge com a necessidade de entender e revelar, sem pressa, os assuntos apurados. Irrigado dos princípios do jornalismo-literário, conta com "a possibilidade de mesclar, em um mesmo conteúdo, diferentes gêneros: interpretativo, investigativo e literário" (ROCHA, XAVIER, 2013, p. 152).

4. METODOLOGIA

4.1. Do pré-projeto

Apesar de, desde o início, se ter em mente produzir algo por meio do jornalismo literário, nem sempre o enfoque foi a prostituição. Ao desenvolvermos o pré-projeto de conclusão de curso, a ideia inicial era relatar a trajetória de pacientes vítimas de câncer no Hospital de Amor (HA), localizado na cidade de Barretos-SP.

A análise da saúde pública no Brasil é uma pauta que pode mudar de enfoque, de tom ou de realidade, mas ainda assim, sempre terá importância social. Tratando-se, especificamente, do contexto hospitalar, o propósito do trabalho acadêmico seria abordar a esfera da saúde pública com um viés ainda pouco discutido por grandes mídias. O intuito não era de denúncia ou a exposição de situações de descaso, falta de materiais, equipamentos ou profissionais. O objetivo seria mostrar como a saúde pública brasileira pode sim oferecer um serviço gratuito de qualidade; como profissionais da área da saúde levam a rotina com pacientes de maneira humanizada; e como esse tipo de trabalho faz diferença na vida de pessoas que sofrem com uma doença delicada como o câncer.

Além de abordar o tema de maneira positiva em relação ao bom rendimento do hospital, o projeto propunha, também produzir uma narrativa mais subjetiva e emocional de cada ente envolvido no ambiente hospitalar de escolha. Dessa forma, ao dar visibilidade aos relacionamentos e vivências dos personagens da narrativa, a ideia era trazer um olhar que, frequentemente, é deixado em segundo plano, um retrato pessoal e humano das histórias de cada uma dessas pessoas.

A ideia de trabalhar com o Hospital de Amor surgiu com uma experiência particular de uma das estudantes envolvidas no projeto. Um relato de um tio com câncer a fez refletir acerca da qualidade e do potencial da saúde pública no Brasil. Paciente do Hospital de Amor, Natal Rodrigues começou o tratamento de um câncer raro no final do ano de 2017. A cura da doença se

constatou um ano depois, junto a inúmeros depoimentos positivos acerca do cuidado com que foi recebido e tratado durante todo o procedimento terapêutico, da qualidade do serviço, da competência dos profissionais e de todo aparato tecnológico e médico-hospitalar do centro clínico.

Por conseguinte, tratar de experiências que cercam um ambiente hospitalar, envolve mais do que registros frios de informações objetivas. A subjetividade de lidar com profissionais que driblam as dificuldades diárias de suas profissões, pacientes que lutam pela cura de uma doença imprevisível e até de familiares que se redesenham ao dividir essa dura jornada de tratamento, é um trabalho que carece de uma abordagem jornalística mais humana.

Infelizmente, as dificuldades para colocarmos em prática o projeto foram muitas. O maior movimento de pacientes no Hospital era em dias de semana e, por se localizar no interior do estado de São Paulo, as viagens poderiam ser frequentes e duradouras, o que demandaria um tempo exclusivo para este contato. Como ambas as autoras trabalham em Brasília, esse seria um grande empecilho.

Pensamos em buscar redes de hospitais em Brasília que, mesmo com outras especialidades, tivessem a mesma qualidade nos critérios analisados no HA. Cogitamos o SARA, hospital voltado para assistência médica e reabilitação em áreas neurológicas e ortopédicas. Fizemos contato com o centro clínico, mas o retorno foi negativo. Segundo eles, o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos e pesquisas na Rede SARA, em função de normas internas, era restrito a profissionais da instituição.

Chegamos à possibilidade de fazer um novo recorte para o tema, na tentativa de trabalhar com o Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) ou mesmo o Hospital de Base (redes de atendimentos gerais, sem especialidades específicas). Ainda assim, ao contatá-los, percebemos que a burocracia seria um grande impasse, principalmente devido ao curto tempo de produção que teríamos. Meio aos contatos frustrados com os hospitais, cogitamos outros temas até chegar à prostituição.

A abordagem que daríamos à uma grande-reportagem sobre o Hospital de Amor também seria possível, em outros moldes, de ser aplicada ao relatar o dia a dia de garotas de programas e os demais agentes sociais envolvidos na prostituição. O jornalismo literário continuou sendo a melhor proposta, tanto para o tratamento do assunto quanto para a preferência de escrita das estudantes. A base introdutória de ambas seria nos estudos sociológicos, de um lado, a sociologia das organizações hospitalares e as relações entre pacientes, profissionais de saúde e familiares, do outro, a sociologia do desvio e o estigma, conceitos que perpassam no âmbito da prostituição como fenômeno sociológico.

4.2. Do projeto final

Como de costume em uma grande reportagem, as entrevistas presenciais foram um dos pontos cruciais da apuração do projeto. As autoras elaboraram roteiros, anexados ao final do presente trabalho, que funcionaram de referência para o aprofundamento das conversas. A apuração jornalística esteve presente ao longo de toda a produção. Para complementar, a pesquisa documental acerca do tema prostituição e dos fenômenos sociológicos que a envolve deu às estudantes o embasamento necessário para compreender o objeto de estudo.

4.2.1 Entrevistas

De acordo com Garret *em A entrevista, seus princípios e métodos (1981)* o entrevistador precisa gerir a arte de ouvir, perguntar e conversar. Ao realizar esses três passos, o entrevistador deve estar em busca do que Medina nomeia como Diálogo Possível. “Desenvolver a técnica da entrevista nas suas virtudes dialógicas não significa uma atitude idealista. No cotidiano do homem contemporâneo há espaço para o diálogo possível” (MEDINA, 2001, p.9). A autora completa explicando que:

Estão aí experiências ou exceções à regra que provam o grau de concretização da entrevista na comunicação coletiva. Sua maior ou menor comunicação está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos — entrevistado e entrevistador — saem “alterados” do encontro, a técnica foi ultrapassada pela “intimidade” entre o EU e o TU. Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível. (MEDINA, 2001, p.9)

Tal situação pode ser rotulada como ideal. E foi o momento ideal que as autoras buscaram nas entrevistas com as garotas de programa. O intuito foi ir além de colher as informações necessárias para redigir um texto, mas compreender e, se possível, sentir-se imerso no mundo dessas mulheres, o que norteou cada pergunta e interação. Em seu livro, no capítulo ‘Povo e Personagem’, Cremilda exemplifica: "Numa fértil osmose, ambos (jornalista e sujeitos de informação) se modificam, o 'eu' sabe um pouco mais do 'outro', o 'eu' se ilumina nas diferentes faces do 'outro'" (1996, p.223).

Para que o diálogo possível aconteça, é importante que o entrevistador domine a arte da percepção. Brum ressalta que "escutar é muito mais do que ouvir" (BRUM, 2011 apud MARIANO, 2011, p. 310). Segundo ela:

Escutar é não interromper quando a pessoa está falando. É não esperar que ela fale uma coisa quando ela não fala o que tu quer e então achar que não está bom. Escutar é estar aberto para o espanto, é estar aberto para se surpreender. É tu te despir daquilo que tu é, dos teus preconceitos, da tua visão de mundo e chegar o mais vazio para aquele momento. (BRUM, 2011 apud MARIANO, 2011, p. 310)

A forma de descrever os ambientes, as vestes dos entrevistados, os gestos e os silêncios são pontos de *Da pista ao luxo* que Brum também destaca em suas obras:

Quando a pessoa fala, ela fala também com o seu corpo, fala com o seu olhar, fala com os seus gestos, fala com um monte de coisas. A realidade é complexa. E quando ela para de falar, ela não parou de dizer. Ela continua dizendo com o seu silêncio. Ela continua dizendo quando ela hesita. Ela continua dizendo quando ela gagueja. Ela continua dizendo quando ela não consegue falar. (BRUM, 2011 apud MARIANO, 2011, p. 310)

A codificação verbal escolhida pelo jornalista para cada entrevista é um aparato de zelo tanto pelo diálogo, quanto pelo entrevistado. Em relato no livro

O olho da rua, Eliane Brum demonstra sua preocupação como repórter em não invadir o espaço do entrevistado, e não direcionar o retorno do mesmo. "Por um lado, minhas perguntas, se incisivas, contaminariam suas respostas: ela poderia usar minhas palavras em vez das dela. Por outro lado, eu correria o risco de atropelar seus sentimentos se abordasse questões para as quais ela ainda não estava preparada" (2008, p. 420).

O tato com cada garota de programa refletiu esse cuidado. Prostituta ou acompanhante? Como cada uma se sentia confortável em ser mencionada? A relação criada dentro do diálogo entre jornalista e entrevistado permitiu, ao longo das conversas, identificar a zona de conforto do outro. Não que isso tenha sido uma tarefa fácil, em uma ou outra entrevista foi preciso recuar em assuntos, por exemplo, se as profissionais sentiam prazer com clientes. Algumas sentiam-se à vontade para responder tais questões, outras, não. O espaço criado pelas autoras para que as entrevistas se dilatassem e a relação com o entrevistado se afinasse, tornou possível tratar assuntos íntimos, às vezes até dolorosos, com as prostitutas.

O exemplo de Eliane traduz, em sua experiência, a cautela fundamental de um jornalista ao questionar uma fonte de informação:

Ela jamais usou a palavra "câncer", eu nunca pronunciei a palavra "câncer". Se eu falasse em "câncer", não poderia saber que Ailce não usava essa palavra e, assim, não compreenderia algo crucial da forma como ela lidava com a doença que a mataria. Nunca falei sobre "morte" antes dela. Se já saísse perguntando, afobadamente, eu não saberia quanto tempo Ailce precisou para articular a palavra "morte". Nem todas as implicações desse silêncio ruidoso. Não saberia também que ela só falava sobre a vida. Nesta reportagem, essas eram as intervenções que, se consumadas, condenariam a narrativa da vida de Ailce. (BRUM, 2008, p. 420)

Mesmo que guiadas por roteiros de perguntas pensados previamente (todos anexados neste documento, nos Apêndices 8.2, 8.3 e 8.4), as autoras deste material perceberam que o diálogo entre entrevistador e entrevistado ultrapassa os limites da objetividade de perguntas feitas e respostas previstas. Segundo Medina (1996, p.223), ingressar na aventura da subjetividade é um processo de interação social criadora. Assim, "jornalista e sujeitos de

informação têm uma oportunidade ímpar de, ao se conhecerem, percorrerem labirintos de autoconhecimento" (1996, p.223).

A relação de envolvimento e subjetividade não abstém a imaterialidade também do jornalista. Como colocado por Eliane Brum, "isenção e objetividade se colocam para o jornalista como um ideal que deve ser perseguido, mas que jamais será atingido por completo" (2008, p. 419). Para Brum, a simples presença do autor, ou mesmo a decisão de fazer uma reportagem, pode alterar a realidade pautada na obra.

O livro *Da pista ao luxo* não foge desta análise. Apesar de uma exposição plural e de um entendimento amplo do contexto que envolve a prostituição, a própria leitura física das entrevistadas ou de uma situação vivenciada em uma boate podem dizer muito sobre o que carregam as escritoras em seus repertórios pessoais. É importante considerar essa veracidade pois, "quanto mais claro isso ficar para o leitor, maior será a honestidade do nosso trabalho" (BRUM, 2008, p.419).

A entrevista é "Uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação". (MEDINA, 1942, p.10). A tentativa de representar a prostituição dentro de sua pluralidade (ainda que com um recorte feminino), permitiu, para as autoras, a ampliação do que Medina chama de "repertório de relações". Isso não é uma qualidade, mas uma necessidade jornalística.

O mediador no mundo contemporâneo, no extenso e pluralista trânsito social em que atua, lida com coral de vozes, com a polifonia. Não se restringe, portanto, a ir buscar na rua ou telefonar para uma fonte de informação, no máximo duas ou três, para simular pluralidade de pontos de vista e registrar rotineiramente frases de apoio a sua pirâmide invertida. O mediador social tem de ir à rua apto à polifonia e à polissemia. Ao voltar com falas contextualizadas, vê-se então às voltas com a representação simbólica desse plurólogo de sentidos na reportagem. (MEDINA, 1996, p.232)

Para além do convencional, contraponto entre um lado que assume uma opinião, e outro com pensamento contrário, o jornalismo completo analisa as diversas facetas de um posicionamento ou de um dado contexto. Afinal, "os

conceitos ou interpretações, as situações e as emoções e mitos não cabem em bipolarizações" (MEDINA, 1996, p. 233).

A apuração do livro *Da pista ao luxo* teve início por onde as autoras consideraram mais seguro, visto que estariam imergindo em um mundo desconhecido a elas até então, sites de divulgação de acompanhantes. Trinta e oito garotas de programa foram contatadas por ligações e mensagens, elas divulgavam seus serviços em sites diversos como *Capital Sexy*, *Só Cinquenta*, *GP Guia*, *Erótica BSB* e até em páginas no *Twitter*. De acordo com o psicanalista Paulo Ceccarelli, "O campo de atuação não cessa de expandir: nos meios de comunicação é cada vez maior o número de propostas de 'serviços personalizados'".

Nos sites da Internet, onde (quase) todas as fantasias sexuais podem ser realizadas mediante pagamento que varia segundo a extravagância da demanda, surgiu a prostituição virtual: sexo vendido por meio de imagens fotográficas, filmes, e mesmo "ao vivo", via webcam. (CECCARELLI, 2008, p.6)

Marcar as entrevistas exigiu um árduo esforço das estudantes. Das 38 acompanhantes, algumas diziam ter interesse, depois parava de responder, outras marcavam o encontro e não apareciam, algumas cobraram pela hora da entrevista, mas o dinheiro para tal gasto não constava no orçamento do projeto.

Letícia foi a primeira acompanhante entrevistada e em condições não esperadas. A entrevista estava marcada com sua amiga que, de última hora, disse ter esquecido e enviou as autoras até seu apartamento para encontrar Letícia. Letícia resumia suas respostas a "sim" e "não" na maioria das vezes, o que exigiu maior desenvoltura das estudantes.

Após os primeiros contatos à distância com várias garotas e pouquíssimos *feedbacks* positivos, as autoras optaram pelas abordagens presenciais – indo contra o recomendado por colegas com experiência em trabalhos acadêmicos com garotas de programa. Segundo eles, nas ruas haveria exposição a todo tipo de perigo. Outra recomendação foi dada: "Nunca chame a garota de prostituta, a não ser que ela refira a si mesma assim".

Para as abordagens presenciais, as autoras inspiraram-se na dissertação de Cyntia Cristina de Carvalho – mestre em sociologia pela

Universidade de Brasília e delegada-adjunta da DECRIN³ – onde conta toda sua metodologia. “Antes de iniciada a ida a campo, muitas leituras são realizadas e, ao mesmo tempo, muitas dúvidas são suscitadas” (2016, p.65). Isso abriu o diálogo e proporcionou mais assuntos e perguntas assertivas.

“A melhor dinâmica que encontrei era ir de carro, e quando acabava uma entrevista, para não me esquecer dos detalhes, voltava para o carro e lá eu gravava no celular tudo o que ouvira, em casa, transcrevia para o diário de campo” (SILVA, 2016, p.65). Essa dica permitiu que as autoras já estivessem minimamente mais preparadas e com menores chances de erro. Tendo em vista o tempo curto que tinham de apuração, um erro poderia comprometer todo o cronograma estabelecido.

Na primeira noite de apuração presencial, as estudantes percorreram os estacionamentos da W3 Norte, começamos pela 512 e indo até a 507. Estavam de carro, uma ao volante e a outra, no banco do passageiro. Assim fizeram também no Setor Hoteleiro e no Setor Comercial Sul em outras noites.

Para completar a lista de fontes, as estudantes buscaram por sociólogos que dessem embasamento sobre o fenômeno social que ocorre em torno da profissão. Pela lista de professores do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, contataram alguns docentes, porém, nenhum se dispôs a conversar por não se sentirem preparados o suficiente para falar com propriedade sobre o tema.

Os profissionais procurados seguiam linhas de pesquisas que poderiam cruzar, de certa maneira, com a prostituição, são elas: Trabalho e Sociedade; Política, Valores e Sociedade; Violência, Segurança e Cidadania; e Feminismo, Relações de Gênero e Sexualidade.

Em busca de um contato representante do Estado para trazer ao texto os pontos que tocavam a prostituição, depararam-se com Cyntia Silva, já mencionada neste memorial. A ouvidoria da Polícia Civil encaminhou a ela, delegada-adjunta da DECRIN, as perguntas iniciais do projeto, e sugeriu que lêssemos sua dissertação.

³ Delegacia Especial de Repressão aos Crimes por Discriminação Racial, Religiosa ou por Orientação Sexual ou Contra a Pessoa Idosa ou com Deficiência.

Ademais, as autoras contataram o deputado distrital Fábio Felix (PSOL), ativista de causas LGBTs, para saber posicionamentos e possíveis políticas envolvidas com o tema prostituição.

Instituições religiosas também foram ouvidas, visto que comumente a moral religiosa estimula o estigma da prostituição. As autoras buscaram organizações espíritas, evangélicas e a igreja católica a fim de entender, pela voz dos próprios representantes, como é o olhar religioso sobre a venda do sexo e as profissionais da área.

Imersos em uma sociedade que rotula a prostituição associando a valores como a libertinagem e promiscuidade, clientes optam pelo anonimato. O receio de serem identificados e julgados por usufruírem do serviço foi um dos motivos que dificultaram o contato das autoras deste trabalho com fregueses do ramo, por exemplo.

Outra coisa que aprendi no campo de pesquisa é que o anonimato é importantíssimo tanto para o cliente como para a prostituta. Ela não quer ser reconhecida na rua por ele e vice versa. Também não querem que conhecidos as vejam na rua e eles tampouco (CAPELA, 2013, p.132, apud SILVA, 2016, p.65)

Francisca Ilmar de Sousa, em *O cliente: o outro lado da prostituição*, reflete acerca da dualidade em que de um lado está a prostituta e do outro, o cliente. Apesar de ambos situarem-se imersos na prostituição, o peso do estigma é diferente para cada lado. Os clientes, quase nunca são questionados. “É como se a prostituição fosse uma história feita com vários atores – secundários – que vivem em função e ao redor da prostituta – atriz principal. Na verdade, ela existe em função de uma demanda e expectativa que são criadas em torno dela e para ela” (SOUSA, 1998, p.33). Na realidade, para compreender o fenômeno social como um todo, não como desvincular o discurso do cliente do da prostituta.

Sousa explica a compreensão da prostituição como uma atividade vista para “casal”. Para isso, utiliza-se de um trecho do jornal *O Povo*:

A prostituta como singularidade é uma invenção imaginária social. A relação com o corpo prostituído é uma relação plural. A prostituição é por definição “uma história de casa”. Se é verdade que o cliente tem como desejo a mulher-objeto, visto que ele é incapaz de manifestar seu desejo para o corpo vivo de uma mulher em carne e osso, livre e

pensante, o mesmo poderíamos dizer da prostituta em relação ao cliente. Homem objeto, o cliente vale, no prostíbulo, o dinheiro que paga (LINS, 1996, p. 7A, apud 1998, p.35).

Há também o que se questionar acerca da descrição de uma prostituta apresentada por Lins, assim a autora o faz. “A produção de discursos sobre a prostituição visa à proteção de uma sexualidade definida como “lícita” contra uma outra, “ilícita”, tendo como objetivo disciplinar as relações sexuais” (1998, p.36).

4.2.2 Pesquisa documental

A fim de discorrer sobre o histórico da prostituição dentro do contexto geográfico e social deste trabalho, as estudantes conheceram documentários que tocavam o tema da prostituição atrelado à construção de Brasília. O primeiro deles, o curta-metragem *A Saga das Candangas Invisíveis* de Denise Caputo, surgiu como um trabalho para a disciplina de Documentário da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB), e ganhou prêmios no ramo do audiovisual.

A ideia inicial do projeto era discutir o papel da mulher na sociedade, bem como relatar e reviver memórias, sejam elas quais for. As primeiras pesquisas de Caputo foram voltadas para a construção de Brasília e, entre os temas observados, um lhe chamou a atenção: a prostituição, "um dos segmentos mais invisibilizados", segundo a própria cineasta em entrevista ao programa *Lanterninha* da UnBTV (2015), reunia todos os critérios de interesse de Caputo.

A grosso modo, o curta narra, sob a voz das próprias prostitutas (e de outras pessoas que depõem sobre o contexto da época), as memórias da construção da capital, a chegada das profissionais do sexo na cidade planejada e a vivência no ramo da prostituição nos anos 1950.

Segundo Denise Sales, o modo que se deu o recrutamento de operários para a construção da Capital seguiu alguns critérios de seleção.

(...) homens, jovens, fortes, solteiros e que tivessem deixado suas famílias nos locais de origem. A combinação destes fatores, em

especial os dois últimos, configura uma situação em que a ausência de mulheres torna-se fonte de conflitos determinados basicamente pela dificuldade de se manter relacionamentos com o sexo oposto – namoros, casamentos, relações sexuais. (RIBEIRO, 2008, p. 97, apud VIEIRA, 2017, p.19)

Nesse contexto, o mercado do sexo veio atender uma demanda latente dos trabalhadores candangos da época. Todavia, isso não quer dizer que as prostitutas tenham sido bem recebidas ou bem vistas nos anos 1950. Pelo contrário...

O segundo documentário assistido pelas estudantes trata também sobre essa questão. Diferente de *A saga das candangas invisíveis*, que tem como enfoque a prostituição, o longa-metragem de Tânia Mourão e Mônica Oliveira, *Poeira e Batom no Planalto Central* foi feito por meio de depoimentos de 50 mulheres que vivenciaram, nas mais diversas situações, os primeiros anos de Brasília. O conteúdo também é agrupado em um livro, que carrega o mesmo título.

Entre os variados relatos e atuações listadas (professoras, engenheiras, donas de casa, cozinheiras entre outras), menciona-se a prostituição, ainda que com uma única fala de profissional do ramo. De todo modo, o longa relata a relação entre as prostitutas e o restante da sociedade, destacando o distanciamento geográfico (localização física de cada um) e cultural entre eles. "Elas eram proibidas de virem para cá, para o Núcleo Bandeirante. Elas só frequentavam a Vila do Parafuso e a Placa da Mercedes" (SILVA apud MOURÃO; OLIVEIRA, 2010, p. 53).

Praticamente não existiam opções de lazer e os operários tornavam-se clientes de uma florescente zona de prostituição chamada Alto da Mercedes. Os raros relatos sobre violência contra as mulheres referem-se às mortes por crises de ciúmes e desentendimentos entre os clientes (MOURÃO; OLIVEIRA, 2010, p. 44).

Além de investigar a conjuntura histórica da prostituição no Distrito Federal, as autoras de *Da pista ao luxo* buscaram analisar conteúdos que representassem, midiaticamente, garotas de programas.

Dentro da discussão religiosa, o longa *Maria Madalena* de Garth Davis é citado após uma igreja entrevistada na apuração de *Da pista ao luxo* referir-se

à Madalena como um exemplo de prostituta nas escrituras sagradas do cristianismo. Existe uma discussão religiosa se Maria Madalena foi ou não uma prostituta, pois em nenhum momento a Bíblia faz tal referência de forma direta, sendo as suposições baseadas em interpretações distintas dos textos. Este trabalho não entrará, contudo, nas discussões de fundo dessa controvérsia.

No filme, Davis busca retratar a personagem principal como uma mulher forte e importante personagem histórico. Assim, o diretor utilizou como fonte o 'Evangelho de Maria' que não consta no Novo Testamento bíblico e é considerado uma heresia para alguns cristãos. O Evangelho foi publicado na década de 1950, escrito pela própria protagonista provavelmente no século II.

A importância para este trabalho de trazer à tona a discussão religiosa que há sobre a prostituição ou não praticada por Madalena, se deve ao fato de que, a rotulação de Maria Madalena como prostituta implica na minimização da sua história bíblica, com o estigma atrelado a tal rótulo.

O medo da Igreja de ressuscitar a identidade e importância de Madalena em sua fundação é compreensível, já que isso significaria revisar a história desde a suas origens, assim como a teologia da sexualidade e o papel da mulher na hierarquia do catolicismo, onde continua relegada a um segundo plano. (ARIAS, 2018, n.p)

O filme *Bruna Surfistinha* de Marcus Baldini, referência cinematográfica popular sobre o assunto, foi uma outra produção analisada. Baseado em uma história real de prostituição (relatos de vida sobre Raquel Pacheco), o filme levanta a discussão sobre representatividade e a responsabilidade que uma representação traz consigo.

É importante analisar a forma com que diferentes produtos culturais, incluindo as novelas, representam as prostitutas. Muito se discute sobre isso, principalmente, se tratando de telenovelas.

Em relação às representações acreditamos que, em se tratando da televisão, as prostitutas ainda não ganharam espaço como protagonistas e foram, muitas vezes, encerradas em estereótipos, com personagens de certa forma romantizadas em busca da mudança dos padrões de vida e de profissão (JOHNSON; RIBEIRO, 2014, p. 8)

Algumas telenovelas, com consideráveis índices de audiência e repercussão, foram listadas. Com o objetivo de adquirir informações sobre as

obras em análise, as autoras entraram em contato com a emissora veiculadora, Rede Globo, mas não tiveram sucesso. Apesar de retornar à solicitação, a Globo alegou fornecer informações apenas aos trabalhos acadêmicos que tivessem como ponto central a emissora, o que não era o caso deste.

Ainda assim, obras como *Salve Jorge* e *Verdades Secretas* foram mencionadas no livro-reportagem. A primeira vinculando prostituição ao tráfico de pessoas para esse fim e, a segunda, com uma representação voltada à prostituição de luxo, viés não tão abordado midiaticamente até então.

A narrativa de *Salve Jorge* retoma o debate acerca da prostituição vista como autônoma ou a tida como imposta. A discussão sobre a regulamentação da profissão, por exemplo, se pauta em grande parte nesta bipolarização de pensamentos. Muitos dos que se posicionam contra o Projeto de Lei Gabriela Leite⁴, vinculam a prostituição ao tráfico de pessoas e à exploração sexual. Já os que defendem a proposta, alegam a necessidade de desassociar as duas questões.

O projeto busca fazer uma clara distinção entre o que é trabalho sexual voluntário - praticado por pessoas adultas – e a exploração sexual de adultos. O profissional do sexo poderá prestar serviços como trabalhador autônomo ou em cooperativas, e as "casas de prostituição" são permitidas desde que não ocorra exploração sexual (WYLLYS apud CAZARRÉ, 2016, n.p).

Foram utilizadas também como base de pesquisa para as autoras, matérias jornalísticas citadas nas referências deste trabalho. Essas, ajudam a contextualizar fatos e apresentar dados concretos de acordo com o decorrer dos acontecimentos históricos.

Os conteúdos jornalísticos têm seu papel democrático, de disseminar a informação à sociedade, assim como seu papel de registro histórico, pontuado por Renata Barbatho e Leandro de Aguiar ao dizer que publicações como jornais e panfletos de época são utilizados como fonte de análise em trabalhos de historiadores, mostrando assim, como esses profissionais recorrem a notícias jornalísticas para o entendimento do passado (2013, p.12).

⁴ Projeto de Lei do ex-deputado federal Jean Wyllys, nº 4.211, de 2012 (anexo neste memorial).

Como fontes documentais, usamos registros de portais como El País, Metrôpoles, Folha de São Paulo, Empresa Brasil de Comunicação, BBC News, Jusbrasil e ainda espaço de notícias de sites oficiais da Câmara dos Deputados e do Senado Federal do Brasil.

4.2.3 Ilustração e Diagramação

Bem como a função escrita de uma narrativa, a construção visual de um produto diz muito sobre o seu conteúdo:

O projeto gráfico de um livro participa ativamente da construção do sentido do mesmo; todos os elementos significativos projetados pelo designer (ou por quem executa sua função) ajudam a contar a mesma história que a linguagem verbal, a estabelecer o conceito geral do livro (BOGO, 2010, p.12 apud LEITE, MENDEZ; SANTOS, 2015, p.3).

Para narrar a história de garotas de programa no Distrito Federal, as autoras de *Da pista ao luxo* evitaram estereótipos reproduzidos em diversos conteúdos jornalísticos sobre prostituição. Fator que também se sobressaiu no momento de concepção da identidade visual e projeto gráfico do produto.

Usualmente, fotografias são utilizadas para acompanhar livros-reportagem, a título de exemplo, as obras de Eliane Brum, *O olho da rua* (2008), e *Estamos aqui*, de Jéssica Paula (2014); citadas anteriormente neste memorial. A questão crucial para entender a escolha das autoras por ilustração se dá na preservação do anonimato das garotas de programa entrevistadas.

Tendo em vista que para conseguir gravar os áudios das entrevistas apenas como registro e ferramenta de trabalho das escritoras já era algo difícil, fotografar seria invadir o espaço dado e, dessa forma, arriscar toda a relação com as garotas de programa. Somente o fato de pedir poderia gerar uma quebra de confiança e prejudicar o elo entre entrevistador e entrevistado.

Também não era uma opção seguir a linha de fotografias utilizadas em notícias sensacionalistas, onde as prostitutas são retratadas apenas como corpos expostos em roupas curtas e salto alto, ou mesmo de costas. O intuito era justamente o de dar voz a essas mulheres, não o de ocultá-las por trás de

seus corpos. Na ilustração, as personagens teriam rostos e seriam representadas de acordo com as histórias relatadas.

Devido ao curto tempo de desenvolvimento do produto, as autoras decidiram se voltar exclusivamente ao conteúdo jornalístico do livro e, assim, contrataram o estudante de Design Gráfico, Danilo Lins, para executar tanto as ilustrações quanto a diagramação do projeto. Após a reunião de primeiro contato, onde o briefing foi passado, o acompanhamento do projeto se deu por meio do aplicativo de trocas de mensagens *WhatsApp*. Os rascunhos das ilustrações e parte do processo criativo encontram-se no apêndice deste trabalho. Todas as imagens são de autoria de Danilo Lins.

Inicialmente foram apresentadas diversas propostas de estilo para a composição visual do trabalho. Alguns formatos lúdicos e poéticos chamaram a atenção das autoras, visto que traria delicadeza para a obra. Entretanto, a opção escolhida foi mais concreta e que retratava as mulheres em poses casuais com traços estilizados formando corpos que não seguem uma anatomia humana real.

Os desenhos sempre antecedem os capítulos do livro introduzindo, assim, os assuntos a serem tratados. Todas as ilustrações são acompanhadas por manchas aquareladas de cores e formatos distintos, com o intuito de enfatizar a ideia da pluralidade existente dentro do mercado do sexo. A capa do exemplar também destaca esse quesito.

5. O PRODUTO

Da pista ao luxo é um livro-reportagem produzido com base em relatos de garotas de programa atuantes no Distrito Federal. Seguindo os conceitos e metodologias abordados anteriormente, surge um trabalho cujo processo de apuração e desenvolvimento estão descritos abaixo.

5.1 A apuração

A apuração do livro *Da pista ao luxo* teve início por onde as autoras consideraram mais seguro, visto que estariam imergindo em um mundo desconhecido a elas até então, sites de divulgação de acompanhantes. Trinta e oito garotas de programa foram contatadas por ligações e mensagens, elas divulgavam seus serviços em sites diversos como *Capital Sexy*, *Só Cinquenta*, *GP Guia*, *Erótica BSB* e até em páginas no *Twitter*. De acordo com o psicanalista Paulo Ceccarelli, “O campo de atuação não cessa de expandir: nos meios de comunicação é cada vez maior o número de propostas de ‘serviços personalizados’”(2008, p.6).

Nos sites da Internet, onde (quase) todas as fantasias sexuais podem ser realizadas mediante pagamento que varia segundo a extravagância da demanda, surgiu a prostituição virtual: sexo vendido por meio de imagens fotográficas, filmes, e mesmo “ao vivo”, via webcam. (CECCARELLI, 2008, p.6)

Marcar as entrevistas exigiu um árduo esforço das estudantes. Das 38 acompanhantes, algumas diziam ter interesse, depois paravam de responder, outras marcavam o encontro e não apareciam, algumas cobraram pela hora da entrevista, mas o dinheiro para tal gasto não constava no orçamento do projeto.

Letícia foi a primeira acompanhante entrevistada e em condições não esperadas. A entrevista estava marcada com sua amiga que, de última hora, disse ter esquecido e enviou as autoras até seu apartamento para encontrar Letícia. Na entrevista, ela resumia suas respostas a “sim” e “não” na maioria das vezes, o que exigiu maior desenvoltura das estudantes.

Após os primeiros contatos à distância com várias garotas e pouquíssimos *feedbacks* positivos, as autoras optaram pelas abordagens presenciais – indo contra o recomendado por colegas com experiência em trabalhos acadêmicos com garotas de programa. Segundo eles, nas ruas haveria exposição a todo tipo de perigo. Outra recomendação foi dada: “Nunca chame a garota de prostituta, a não ser que ela refira a si mesma assim”.

Para as abordagens presenciais, as autoras inspiraram-se na dissertação de Cyntia Cristina de Carvalho – mestre em sociologia pela Universidade de Brasília e delegada-adjunta da DECRIN – onde conta toda sua metodologia. “Antes de iniciada a ida a campo, muitas leituras são realizadas e, ao mesmo tempo, muitas dúvidas são suscitadas” (2016, p.65). Isso abriu o diálogo e proporcionou mais assuntos e perguntas assertivas.

“A melhor dinâmica que encontrei era ir de carro, e quando acabava uma entrevista, para não me esquecer dos detalhes, voltava para o carro e lá eu gravava no celular tudo o que ouvira, em casa, transcrevia para o diário de campo” (SILVA, 2016, p.65). Essa dica permitiu que as autoras já estivessem minimamente mais preparadas e com menores chances de erro. Tendo em vista o tempo curto que tinham de apuração, um erro poderia comprometer todo o cronograma estabelecido.

Na primeira noite de apuração presencial, as estudantes percorreram os estacionamentos da W3 Norte, começamos pela 512 e indo até a 507. Estavam de carro, uma ao volante e a outra, no banco do passageiro. Assim fizeram também no Setor Hoteleiro e no Setor Comercial Sul em outras noites.

Para completar a lista de fontes, as estudantes buscaram por sociólogos que dessem embasamento sobre o fenômeno social que ocorre em torno da profissão. Pela lista de professores do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, contataram alguns docentes, porém, nenhum se dispôs a conversar por não se sentirem preparados o suficiente para falar com propriedade sobre o tema.

Os profissionais procurados seguiam linhas de pesquisas que poderiam cruzar, de certa maneira, com a prostituição, são elas: Trabalho e Sociedade;

Política, Valores e Sociedade; Violência, Segurança e Cidadania; e Feminismo, Relações de Gênero e Sexualidade.

Em busca de um contato representante do Estado para trazer ao texto os pontos que tocavam a prostituição, utilizaram ainda Cyntia Silva, delegada-adjunta da Delegacia Especial de Repressão aos Crimes por Discriminação Racial, Religiosa ou por Orientação Sexual ou Contra a Pessoa Idosa ou com Deficiência – DECRIN . A ouvidoria da Polícia Civil encaminhou a ela as perguntas iniciais do projeto, e sugeriu que lêssemos sua dissertação.

Ademais, as autoras contataram o deputado distrital Fábio Felix (PSOL), ativista de causas LGBTs, para saber posicionamentos e possíveis políticas envolvidas com o tema prostituição.

Instituições religiosas também foram ouvidas, visto que comumente a moral religiosa estimula a estigmatização da prostituição. As autoras buscaram organizações espíritas, evangélicas e a igreja católica a fim de entender, pela voz dos próprios representantes, como é o olhar religioso sobre a venda do sexo e as profissionais da área.

Imersos em uma sociedade que rotula a prostituição associando a valores como a libertinagem e promiscuidade, clientes optam pelo anonimato. O receio de serem identificados e julgados por usufruírem do serviço foi um dos motivos que dificultaram o contato das autoras deste trabalho com fregueses do ramo, por exemplo.

Outra coisa que aprendi no campo de pesquisa é que o anonimato é importantíssimo tanto para o cliente como para a prostituta. Ela não quer ser reconhecida na rua por ele e vice versa. Também não querem que conhecidos as vejam na rua e eles tampouco (CAPELA, 2013, p.132, apud SILVA, 2016, p.65)

Francisca Ilnar de Sousa, em *O cliente: o outro lado da prostituição*, reflete acerca da dualidade em que de um lado está a prostituta e do outro, o cliente. Apesar de ambos situarem-se imersos na prostituição, o peso do estigma é diferente para cada lado. Os clientes, quase nunca são questionados. “É como se a prostituição fosse uma história feita com vários atores – secundários – que vivem em função e ao redor da prostituta – atriz principal. Na verdade, ela existe em função de uma demanda e expectativa que

são criadas em torno dela e para ela” (SOUSA, 1998, p.33). Na realidade, para compreender o fenômeno social como um todo, não como desvincular o discurso do cliente do da prostituta.

Sousa explica a compreensão da prostituição como uma atividade vista para “casal”. Para isso, utiliza-se de um trecho do jornal *O Povo*:

A prostituta como singularidade é uma invenção imaginária social. A relação com o corpo prostituído é uma relação plural. A prostituição é por definição “uma história de casa”. Se é verdade que o cliente tem como desejo a mulher-objeto, visto que ele é incapaz de manifestar seu desejo para o corpo vivo de uma mulher em carne e osso, livre e pensante, o mesmo poderíamos dizer da prostituta em relação ao cliente. Homem objeto, o cliente vale, no prostíbulo, o dinheiro que paga (LINS, 1996, p. 7A, apud SOUSA, 1998, p.35).

Há também o que se questionar acerca da descrição de uma prostituta apresentada por Lins, assim a autora o faz. “A produção de discursos sobre a prostituição visa à proteção de uma sexualidade definida como “lícita” contra uma outra, “ilícita”, tendo como objetivo disciplinar as relações sexuais” (1998, p.36).

5.2 O livro-reportagem

O livro-reportagem *Da pista ao luxo* é um produto que tem como principal objetivo discorrer sobre a temática da prostituição sob uma ótica pouco abordada quando se tratando de uma linguagem acessível à sociedade. A maior parte de conteúdos que abordam o mercado do sexo, sem o vincular a uma imagem pejorativa ou marginal, são trabalhos acadêmicos. Para além deste memorial, a ideia de produzir o livro-reportagem surgiu com a intenção de popularizar esse debate e não o restringir ao contexto da academia.

Como missão de retorno social pela oportunidade das autoras se graduarem em uma universidade pública, esta contribuição nada mais é do que

colocar em prática aquilo que foi aprendido em sala de aula e desenvolvê-lo fora dela. A partir do momento em que há esse contato entre o aprendiz e a sociedade beneficiada por ele, acontece por parte dos dois lados, benefícios. Aquele que está na condição do aprender acaba aprendendo muito mais quando há esse contato, pois torna-se muito mais gratificante praticar a teoria recebida dentro da

sala de aula. (BATALHA, COSTA, NETO, PRATA; RODRIGUES, 2013, p. 142)

No exercício do que Mario Cortella chama de divulgador, o intuito, com este trabalho, é de agir como aqueles

que colocam as pessoas em contato, que dão maneiras simples sem ser simplórias, que estabelecem uma ponte, estendem o convite, abrem a porta para que alguém que não esteja no campo direto da ciência em seu cotidiano também tenha a possibilidade de adentrar nesse território. (CORTELLA apud OLIVEIRA, 2017, n.p)

Do ponto de vista do uso da linguagem, a escolha do jornalismo-literário foi fundamental para uma narrativa fluida e acessível. A redação do livro foi pensada, de antemão, por uma perspectiva ampla do conteúdo a ser abordado. Mas foi só com o desenvolvimento de pesquisas bibliográficas e da apuração, o contato com as personagens, é que se teve em mente o detalhamento de cada assunto.

A princípio, um esboço estrutural foi traçado, com os principais pontos a serem aprofundados no produto final. Foram eles: o contexto da prostituição no Distrito Federal, os depoimentos das garotas de programas entrevistadas, relatos de uma experiência em uma casa noturna, o olhar dos clientes sobre o mercado do sexo, a estigmatização e o desvio sob o olhar de sociólogos como Becker e Goffman, e, por fim, o debate sobre a regulamentação e as políticas públicas voltadas para as profissionais no Brasil.

Cogitou-se também a estruturação por perfis jornalísticos de cada prostituta entrevistada, porém, ao analisarem o conteúdo colhido com as entrevistas, as autoras notaram que diversos pontos das vidas dessas mulheres coincidiam, haviam semelhanças interessantes de serem cruzadas para gerar uma análise sociológica rica. Assim como haviam contrapontos interessantes de serem utilizados para criar um debate acerca do tema, que não é simplório e gera pontos de vista distintos até mesmo pelas profissionais do sexo.

A escolha da ordem dos assuntos foi pensada a fim de satisfazer a necessidade de informação do leitor. Ao pensar na leitura do produto, as autoras posicionaram-se como possível público e, dessa forma, traçaram uma

ordem prioritária de temas a fim de sanar a carência por algum tipo de informação no momento certo e, assim, prender a atenção de quem o lê.

No primeiro capítulo, buscou-se contextualizar o leitor, o introduzindo em dados sobre a prostituição no Distrito Federal, nos primórdios na Capital e nos dias atuais. Brasília carrega a característica de ser uma cidade jovem, planejada e com sua construção documentada. Esse perfil torna crucial com que os assuntos pautados na Unidade Federativa em questão sejam resgatados desde o início.

Após o leitor sentir-se imerso no contexto do DF, era o momento de conhecer as protagonistas da história contada. O capítulo dois apresenta Juliana, Letícia, Bárbara, Veronika, Melissa e Juma. Ao longo da narrativa, as autoras descrevem as garotas de programa, os ambientes, contam as histórias relatadas por essas mulheres e analisam tais informações dentro de um contexto social e sob a ótica de conceitos que guiaram a produção de todo o projeto: Sociologia do Desvio e Estigma. Como explica Becker:

Diferentes grupos consideram diferentes coisas desviantes. Isso deveria nos alertar para a possibilidade de que a pessoa que faz o julgamento de desvio e o processo pelo qual se chega ao julgamento e à situação em que ele é feito possam todos estar intimamente envolvidos no fenômeno.

Um dos pontos principais de caracterização do desvio é que ele é criado pela sociedade para os membros da sociedade:

Quero dizer que grupos sociais criam o desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como outsiders. Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um "infrator". (BECKER, 2009, p. 21- 22)

Adiante, as autoras relatam a experiência de passar uma noite em uma casa noturna localizada no setor hoteleiro sul, no centro de Brasília, a Alpha Pub. Lá, observaram atentamente como se dava o movimento dentro e fora do ambiente, quem frequentava o local e como as pessoas agiam dentro da Casa.

O fato de as autoras estarem em um local o qual não haviam frequentado antes, as fizeram refletir não só sobre o que observaram, como também pela forma com que eram observadas. Esta etapa de imersão permitiu que elas percebessem que "o pesquisador, ao observar, precisa ter

consciência de que também está sendo observado e de que pode causar alterações na rotina da comunidade" (SILVA, 2013, p. 20). Segundo Travancas (2009, p. 103 e 104, apud SILVA, 2013, p.20), o papel o qual as autoras estavam cumprindo na boate não era apenas o de "um transmissor de falas ouvidas. Para isso bastaria um gravador e alguém que transcrevesse as fitas". A principal função de um pesquisador é o de interpretar. "Interpretar o que está sendo dito, observado e sentido" (2009, p. 103 e 104, apud SILVA, 2013, p.20).

O detalhamento do ambiente, as expressões faciais, os costumes e todas as outras descrições só farão sentido se o repórter souber lidar com os símbolos. Se puder atribuir significados a eles e, mais importante ainda, se tiver a sensibilidade de para projetar a ressignificação feita pelo autor. (PENA, 2011, p. 55, apud SILVA, 2013, p.19)

O contato com os clientes não foi simples. Devido ao estigma que cerca o mercado do sexo, a maioria dos fregueses não se sentiu confortável em se revelar. Diante da proposta de serem entrevistados pelas autoras do livro, mesmo que os nomes fossem mantidos em sigilo, os possíveis personagens se afastavam. A tentativa se estendeu a contatos não presenciais, via *Whatsapp*, (ainda que não fosse a melhor alternativa, já que perdia-se o contato face a face com o entrevistado, o que poderia dizer algo sobre sua reação em relação ao tema). Contudo, apenas dois homens concordaram em participar do trabalho.

Para embasar o capítulo de 'Prostituição e Desvio', trabalhos acadêmicos e autores relacionados com o tema foram empregados. Ademais, o próprio olhar das prostitutas acerca do assunto contribuiu para que as autoras entendessem o posicionamento de quem está imerso na profissão.

O ambulatório trans do Distrito Federal foi uma das fontes de pesquisa relacionadas à saúde das garotas de programa. Por funcionar dentro de um hospital público que também atende a demandas que extrapolam o universo transsexual, o contato com o ambulatório nos garantiu informações além das esperadas (como o fato de terem um Serviço de Assistência Especializada em HIV/Aids).

Para dar um desfecho em um assunto que não o tem, as autoras abordam políticas públicas e assuntos acerca da regulamentação da profissão

do sexo no Brasil. Documentos sobre o Projeto de Lei Gabriela Leite foram analisados, as autoras tentaram contato com o ex-deputado Jean Wyllys que propôs o texto ao Congresso Nacional, sem sucesso. Porém, conseguiram contato com outras fontes atuantes no Estado.

A fim de entender as vantagens e desvantagens de um PL como esse, foi necessário entender como outras nações se colocam diante da prostituição e quais fatores influenciam nas políticas e leis de países que regulamentaram a atividade, assim como daqueles que tomam uma posição abolicionista.

Por fim, as graduandas de comunicação se esbarram na reflexão de seus respectivos papéis como comunicólogas frente à sociedade. Afinal, o que é comunicar? Diante do maior projeto que desenvolveram durante os quatro anos de graduação, elas exploram os aprendizados adquiridos ao longo do último semestre.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente memorial explicou o processo de produção, apuração, escrita e acabamento do livro *Da pista ao luxo - Uma reportagem sobre a prostituição no Distrito Federal*. Para análise do tema, o comércio do sexo e demais fatores envolvidos foram observados sociologicamente por meio de dois conceitos-chaves: “desvio” e “estigma”. Além disso, foram resgatadas memórias documentais acerca do tema em sites de notícias e portais oficiais do governo e, para além da pesquisa documental, foi realizada a pesquisa de campo, por meio de entrevista com seis garotas de programa, personagens principais do material.

Após realizados os estudos e as pesquisas, é possível concluir que o debate social acerca da prostituição deve ser estimulado para que o conhecimento popular acerca da atividade seja real e saia do âmbito imaginário que rotula as prostitutas como imorais e desviantes pela sua profissão. O estigma imposto à essa parte da população leva muitas delas a se colocarem também em uma posição de inferioridade em relação ao resto da sociedade. Por mais que encarem a prostituição como uma atividade profissional como as outras, muitas vezes se calam e não reconhecem seus direitos profissionais e civis.

O trabalho realizado se torna uma importante ferramenta social ao ponto que leva conhecimento acerca da prostituição, em uma linguagem acessível, à sociedade. Ademais, imersas em uma atual atmosfera social e política conservadora, as autoras propõem uma sensibilização da opinião pública a respeito do tema. O recorte feito é ainda pequeno se comparado à amplitude do tema, que deve ser analisado de forma mais profunda, afinal, mesmo que se tenha apresentado uma plural gama de personagens, a quantidade de garotas de programa entrevistadas se restringiu a seis. As principais limitações ocorreram em relação a tempo de execução do projeto e disponibilidade de horários para entrevistas por parte das profissionais que seriam entrevistadas.

A prostituição é um fenômeno que deve ser debatido tanto no âmbito social quanto no acadêmico, pois é um assunto que influencia nos contextos

social, econômico e cultural do país. Em *Da pista ao luxo*, apenas o Distrito Federal foi analisado, assim, existe ainda a possibilidade de se desenvolver trabalhos em outras localidades, ou mesmo com outro recorte acerca da prostituição. Aqui, a atividade foi tratada, principalmente, pelo olhar das prostitutas, mas ainda há diversos indivíduos envolvidos no ramo os quais também podem ser escutados com mais atenção, como clientes, donos de casas noturnas, cidadãos que moram nas localidades onde há pontos de prostituição, comerciantes e Estado.

As autoras do livro-reportagem esperam que esse produto sirva não só de registro, como também de base para discussões acerca do tema e de incentivo a futuras produções correlatas.

7. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Roberto. **Resenha da obra: Páginas ampliadas, o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2004, 2f. Revista IMES, 2004, São Paulo.

A SAGA das candangas invisíveis. Produção por Denise Caputo. Distrito Federal, 2008. Documentário, (15 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DTy3t69E3Pg>. Acesso em: 2 out. 2019.

AGUIAR, Leandro; BARBATHO, Renata. **Os arquivos e a história: A importância dos documentos arquivísticos e das Instituições de custódia na pesquisa histórica**. In: XXVII Simpósio Nacional de História. Natal: 22-26 Jul. 2013. Anais... Natal, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364781066_ARQUIVO_apresentacao_anpuh_2013.pdf. Acesso em: 5 nov. 2018.

ARIAS, Juan. **A igreja continua escondendo o segredo de Madalena**. El País, Brasil, 26 mar. 2018. Coluna. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/26/politica/1522100322_287998.html. Acesso em: 3 nov. 2018.

BATALHA, Taila Beatriz Silva; COSTA, Carmen Lúcia Neves do Amaral; NETO, Irazano de Figueiredo Passos; PRATA, Michelle Santana; RODRIGUES, Andréia Lilian Lima. **Contribuições da Extensão Universitária na Sociedade**. Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais. v.1, n.2, p.141-148, 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernohumanas/article/view/494>. Acesso em: 5 nov. 2018.

BECKER, Howard S. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. 1954. Tradução Maria de Lourdes Menezes, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRASIL. **Código penal**. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, [2017]. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529748/codigo_penal_1ed.pdf. Acesso em: 6 nov. 2019.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. 1 ed. São Paulo: Globo, 2008.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves. SILVA, Késia Aparecida Teixeira. **O trabalho na prostituição de luxo: análise dos sentidos produzidos por**

prostitutas em Belo Horizonte – MG. Revista de Gestão Social e Ambiental – RGSA, São Paulo, Edição Especial, p.23-39. Dez. 2017.

CARONE, Carlos. **Em conversa grampeada, senador põe gabinete à disposição de prostituta.** Metrôpoles, Brasília, 11 jul. 2017. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/policia-civil-investiga-rede-de-prostituicao-de-alto-luxo-no-df>. Acesso em: 22 out. 2019.

CARONE, Carlos. **Fardados, PMs transportam prostitutas em viaturas e deixam boate do DF com cervejas.** Metrôpoles, Brasília, 26 jul. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/fardados-pms-transportam-prostitutas-em-viaturas-e-deixam-boate-do-df-com-cervejas>. Acesso em: 22 out. 2019.

CARONE, Carlos. **Irmão do doleiro Fayed administra esquema de prostituição de luxo.** Metrôpoles, Brasília, 16 mai. 2017. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/irmao-do-doleiro-fayed-administra-esquema-de-prostituicao-de-luxo?>. Acesso em: 22 out. 2019.

CAZARRÉ, Marieta. **Projeto que regulamenta atividade de profissionais do sexo está parado na Câmara.** Agência Brasil - EBC, Brasília, 26 mar. 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-03/projeto-que-regulamenta-atividade-de-profissionais-do-sexo-esta>. Acesso em: 3 nov. 2019.

DIAS, Lucas B. **A prostituição no Brasil: percursos sobre a regulamentação do métier.** 2017. 190f. Trabalho de conclusão de curso - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5394/1/LBDias.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

ENTENDA o projeto de lei de regulamentação da prostituição. Jusbrasil, 2016. Disponível em: <https://examedaoab.jusbrasil.com.br/noticias/378596728/entenda-o-projeto-de-lei-de-regulamentacao-da-prostituicao>. Acesso em: 18 out. 2019.

FERNANDES, Daniela. **Mais de 40 milhões se prostituem no mundo, diz estudo.** BBC Brasil, 18 jan. 2012. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/01/120118_prostituicao_df_is. Acesso em: 4 nov. 2019.

FOLHA de S. Paulo. **46,3% das prostitutas têm de 20 a 29 anos. Cotidiano; Pesquisa.** São Paulo, 04 dez. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0412200222.htm>. Acesso em: 2 nov. 2019.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Tradução de Mathias Lambert. 1963/2004. Disponível em:

<<http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf>>. Acesso em: 1 nov. 2019.

GUIMARÃES, Katia; MERCHÁN-HAMANN, Edgar. **Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania**. Revista Estudos Feministas, vol. 13, núm. 3, set/dez. 2005, p. 525-544 Universidade Federal de Santa Catarina Santa Catarina, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/381/38114358004.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2019.

Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. Disponível em: <http://www.ihgdf.com.br>. Acesso em: 20 set. 2019.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

JOHNSON, Telma. RIBEIRO, Gabriella Cristina do Nascimento. **Pelas Esquinas da Vida: a (Des)Construção da Imagem de Prostitutas na Série O Negócio**. Ação Midiática, Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura, nº8. Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2014. Jornalismo, Memorial Descritivo do Produto. Brasília, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/38018/23988>. Acesso em: 10 nov. 2019.

LEBEDEV, Nádia. VITORIANO, Larissa. **A personagem prostituta: O estereótipo no cinema nacional e nas reportagens televisivas**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/busca.htm?query=A+personagem+prostituta%3A+O+estere%F3tipo+no+cinema+nacional+e+nas+reportagens+televisivas>. Acesso em: 10 nov. 2019.

LEITE, Andressa Cristina Pedras. MENDES, Rosemary Bars. SANTOS, Beatriz Silva Pereira dos. **Edição e projeto-gráfico do livro-reportagem “Era uma vez um cabelo: Alopecia Areata em histórias reais”**. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXII Prêmio Expocom 2015 - Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. Uberlândia, 2015.

MARTÍN, María. **Regulamentação da prostituição confronta prostitutas e feministas radicais: Projeto de lei enfrenta o Congresso mais conservador da história do Brasil e a oposição de um grupo de mulheres à legalização das casas de prostituição**. El País, 2016. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/28/politica/1469735633_689399.html. Acesso em: 25 set. 2019.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: O diálogo possível**. 1 ed. São Paulo: Editora Ática, 2011.

MEDINA, Cremilda. **Povo e Personagem**. 1 ed. Canoas: Ulbra, 1996.

MICHEL, Jerusa de Oliveira. MICHEL, Margareth de Oliveira. **O Jornalismo como memória - um estudo a partir do gênero reportagem "A Floresta das Parteiras"**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2015.

MIGUEL, Luis Felipe. **Carole Pateman e a crítica feminista do contrato**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 32, 17f. São Paulo, 2017.

MIRANDA, Tiago. **Proposta regulamenta atividade de profissionais do sexo**. Câmara dos Deputados, 2012. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/386930-proposta-regulamenta-atividade-de-profissionais-do-sexo/>. Acesso em: 21 de out. 2019.

MOURÃO, Tânia Fontenele; OLIVEIRA Mônica Ferreira Gaspar de. **Poeira e batom no Planalto Central**. Brasília: Petrobras, 2010.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Prostituição feminina e direitos sexuais... diálogos possíveis?**. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana. n.11. ago 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/2681/2392>. Acesso em: 3 nov. 2019.

OLIVEIRA, André Jorge de. **Mario Sergio Cortella: "Não basta ter informação, é preciso saber o que fazer com ela"**. Revista Galileu, Globo. ago. 2017. Disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/08/mario-sergio-cortella-na-o-basta-ter-informacao-e-preciso-saber-o-que-fazer-com-ela.html>. Acesso em: 3 nov. 2019.

PASINI, Elisiane. **Prostituição e a Liberdade do Corpo**. CLAM – AMB – 15.04.05. Disponível em: <http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/Elisiane.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2019.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Anais do Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2019.

POEIRA e batom no Planalto Central: 50 mulheres na construção de Brasília. Produção por Tânia Fontenele e Mônica Gaspar. Distrito Federal, 2010. Documentário, (58 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9rxJUc8kbSk>. Acesso em: 2 out. 2019.

POR QUE xingamos homens e mulheres de modo diferente. Apresentação Valeska Zanello para TEDx Universidade de Brasília. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6kCoRgdeNNc>. Acesso em: 2 nov. 2019.

PREGO, Jéssica Paula. **Estamos aqui: histórias das vítimas de conflito no leste africano.** 2014, 42 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/8491>. Acesso em: 3 nov. 2019.

PROFISSIONAIS do sexo. Classificação Brasileira de Ocupações e Ministério do Trabalho e Emprego. 2002. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/ResultadoFamiliaHistoricoOcupacoes.jsf>. Acesso em: 17 set. 2019.

ROCHA, Paula Melani. Xavier, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico.** RuMoRes, v.7, n.14, p.138-157, 27 dez. 2013.

SCOULAR, Jane. **The 'subject' of prostitution.** Novembro, 2010. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1701618. Acesso em: 2 nov. 2019.

SEMANA de ação pelo fim da prostituição, em defesa do direito das mulheres. Blog da Marcha Mundial das Mulheres, 2014. Disponível em: <https://marchamulheres.wordpress.com/2014/06/04/semana-de-acao-pelo-fim-da-prostituicao-em-defesa-do-direito-das-mulheres/>. Acesso em: 12 set. 2019.

SILVA, Cyntia Cristina de Carvalho e. **Narrativas sobre a prostituição feminina na W3 norte: construindo um dispositivo.** 2016. 199 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/22494>. Acesso em: 10 nov. 2019.

SILVA, Marcia. MAROCCO, Beatriz. **O feminino no “livro de repórter”: uma mirada epistemológica de gênero sobre as práticas jornalísticas.** Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Rio Grande do Sul, 2018.

SILVA, Marcos Paulo da. **O Jornalismo como ferramenta de recuperação da História local: o caso das famílias lençoenses do século XIX.** Revista PJB, Jornalismo Brasileiro. Edição 4, 2º semestre 2004. Unesp, Bauru.

SILVA, Paulo Henrique Pimenta da Silva. **O silencioso canto dos pássaros - Uma reportagem sobre a vida no Mosteiro de São Bento de Brasília.** Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Departamento de Departamento de Jornalismo, Memorial Descritivo do Produto. Brasília, 2013. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/7297>. Acesso em: 10 nov. 2019.

SOUSA, Francisca Ilmar de. **O cliente: o outro lado da prostituição**. Fortaleza e São Paulo: Secretaria da Cultura e Desporto/ Ed. Annablume, 1998.

VIEIRA, Denise Sales. **Corpo feminino e modernidade na construção de Brasília: uma leitura a partir do cinema**. 2017. 191 f. Dissertação (Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/25251>. Acesso em: 10 nov. 2019.

WYLLYS, Jean. **Projeto de Lei Gabriela Leite**. Câmara dos Deputados, 2012. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=101282. Acesso em: 10 out. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Cronograma

Concepção da ideia primária (Pacientes do Hospital de Amor): abril de 2019

Pré-projeto: de março a junho de 2019

Primeiro contato com hospitais: de abril a julho de 2019

Concepção da ideia secundária (Prostituição): agosto de 2019

Apuração e pesquisa: setembro de 2019

Ilustração do livro: setembro de 2019

Escrita do livro: setembro e outubro de 2019

Produção do memorial: novembro 2019

Diagramação: novembro de 2019

Impressão da primeira versão do livro: novembro de 2019

Apresentação do trabalho de conclusão de curso: novembro de 2019

Previsão de publicação do livro: abril de 2020

APÊNDICE B - Roteiro das entrevistas com garotas de programa

I. Idade

II. Gênero

- III. Orientação sexual
- IV. Etnia
- V. Naturalidade
- VI. Grau de estudo (Se estuda, estuda o quê? Se formou, se formou em quê?)
- VII. Como foi sua infância/adolescência? Onde você cresceu?
- VIII. Você mora no Distrito Federal?
 - A. Se sim, você sempre morou no DF?
 - B. Se não, a mudança tem relação com o trabalho?
- IX. Qual a origem da sua família?
- X. Como é sua família? Ela é grande? Você tem irmãos?
- XI. Você morou ou mora com a família?
- XII. Tem contato com seus familiares?
- XIII. A relação com eles é boa?
- XIV. Com que termo você prefere que se refiram ao seu ofício?
(acompanhante, garota de programa, prostituta...) Por que?
- XV. Como é o seu dia a dia? Quais são suas atividades rotineiras? Você estuda? Tem outra ocupação?
- XVI. Você mora sozinha?
 - A. Se não, com quem?
- XVII. A sua família sabe que você trabalha como garota de programa?
- XVIII. Esse foi o seu primeiro ofício? Ou já trabalhou com outra coisa antes?
- XIX. Quando você começou a trabalhar com isso? Por que?
- XX. Como foi o primeiro programa?
- XXI. Por que decidiu continuar depois da primeira vez?
- XXII. Como foram as próximas vezes?
- XXIII. Você tem amizades na profissão?
- XXIV. Você tem algum relacionamento afetivo?
- XXV. Você trabalha de maneira autônoma, tem parceria com alguma casa noturna ou alguém que facilite o contato com clientes?
 - A. Se com casa noturna ou alguém, como é feita essa parceria?
- XXVI. Você trabalha todos os dias? A jornada de trabalho é cansativa?

- XXVII. Como você costuma divulgar o seu trabalho? Como os clientes te procuram?
- XXVIII. Você tem gastos com a profissão? Se sim, qual a média por mês?
- XXIX. Quanto você cobra pelo programa?
- XXX. Quanto você arrecada por mês na profissão?
- XXXI. Que tipo de cliente você atende?
- XXXII. Você conversa com os seus clientes?
- XXXIII. Você já se envolveu emocionalmente com algum cliente?
- XXXIV. Você gosta da profissão? Tem planos de seguir nela por muito tempo?
- XXXV. Você acha que a remuneração é compatível com o que se espera?
- XXXVI. Se fosse para você pontuar dificuldades que enfrenta na profissão, quais seriam?
- XXXVII. Você é a favor da regulamentação da profissão?
- XXXVIII. Já passou por alguma situação que te marcou de alguma forma? (Algo desconfortável, perigoso, positivo, diferente etc)
- XXXIX. Você usa ou já usou drogas?
 - XL. Você acha que o uso de drogas é incentivado pela profissão?
 - XLI. Você já fez ou tem costume de fazer acompanhamento médico em relação a sua saúde sexual?
 - A. Com que frequência?
 - XLII. Já teve alguma doença sexual (fungos, bactérias, etc.) que tenha relação com a sua profissão?
 - XLIII. Já pegou ou acredita ter pegado doença de algum cliente?
 - XLIV. Exige o uso de camisinha nas relações sexuais?
 - XLV. Já engravidou?
 - A. Caso sim, foi de algum cliente?
 - XLVI. Já sofreu algum aborto (voluntário ou não)?
 - XLVII. Como encara a questão do aborto?

APÊNDICE C - Perguntas para entrevistas com clientes

I. Idade

- II. Estado civil
- III. Por que você procurou ou procura os serviços de uma garota de programa?
- IV. Sabe dizer quantas vezes já procurou?
- V. Qual método você utiliza para encontrar e selecionar programas?
Abordagem direta nas ruas, sites, anúncios, casas noturnas etc.
- VI. Qual a média de valor dos programas que já contratou?
- VII. Como você começou a utilizar o serviço de prostituição?
- VIII. Existe um tipo de homem específico que utiliza esse serviço? Como você o classificaria?
- IX. Você considera traição em um relacionamento, uma das partes procurar prostitutas sem o conhecimento da outra?
- X. Você já teve algum relacionamento mais estreito com uma garota de programa?
 - A. Se sim, como foi?
- XI. Como você enxerga uma garota de programa?
- XII. Por que acha que uma mulher escolhe se prostituir?
- XIII. Você considera a prostituição um trabalho como qualquer outro?
- XIV. O que você acha da ideia de que prostitutas são portadoras de doenças sexuais?
- XV. Quando utilizou o serviço, onde o ato sexual foi realizado? Carro, em local público, em motel, na residência da prostituta, na sua residência, etc.
- XVI. Alguma prostituta que você se relacionou era transexual?
- XVII. Qual sua visão sobre prostitutas trans?
- XVIII. Você acredita que existe diferença entre as prostitutas que atuam nas ruas (Avenida W3, Setor Comercial, Conic, etc.), as que anunciam em sites e as que trabalham em boate?
- XIX. O que você acha sobre a regulamentação da prostituição como profissão?

APÊNDICE D - Perguntas para entrevistas com instituições religiosas

- I. Nome da instituição
- II. Ela faz parte de alguma rede ou congregação?
- III. Quantos anos a instituição tem?
- IV. Quantas unidades existem pelo Brasil?
- V. Em quantas cidades do Brasil ela está presente? Quais são elas?
- VI. Em média, quantos seguidores a instituição tem hoje?
- VII. Qual a importância do posicionamento da instituição no tratamento de temas tidos como "tabus" na sociedade?
- VIII. Em relação à profissionalização do sexo (prostituição), como a instituição se posiciona?
- IX. Em relação a mulheres que trabalham com isso, como a instituição se posiciona?
- X. A instituição tem potencial de mudar a visão dessas mulheres sobre o trabalho que elas realizam? Por que?
 - A. Se sim, como?
- XI. A instituição tem interesse em ser motivador dessa mudança? Por que?
- XII. Garotas de programa são bem-vindas na instituição? Como seriam recebidas?
- XIII. Alguma garota de programa já frequentou esta instituição?
- XIV. Na relação de confiança entre seguidores e coordenadores espirituais, já existiram relatos, por parte de seguidores, sobre prostituição? Se sim, poderiam nos contar uma situação de exemplo?
- XV. A instituição já realizou algum projeto voltado para prostitutas?
 - A. Se sim, como era o projeto?
 - B. Se não, ela tem interesse em realizar? Por que? Como seria?

APÊNDICE E - Rascunhos do projeto gráfico

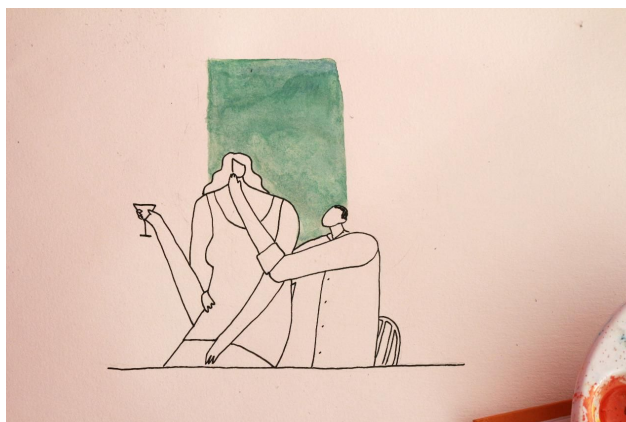
Todas as imagens abaixo são de autoria de Danilo Lins.



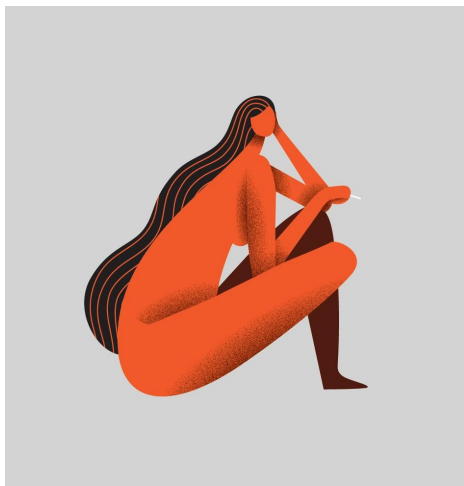
Proposta de estilo de sugerida visando o abstrato e uma linguagem poética.



Proposta de estilo aceita pelas autoras. Mulher em pose casual, com traços estilizados e um elemento gráfico acompanhando. O formato do corpo representado não segue uma anatomia humana real. O intuito é passar uma imagem séria e elegante, fugindo das ilustrações infantis.



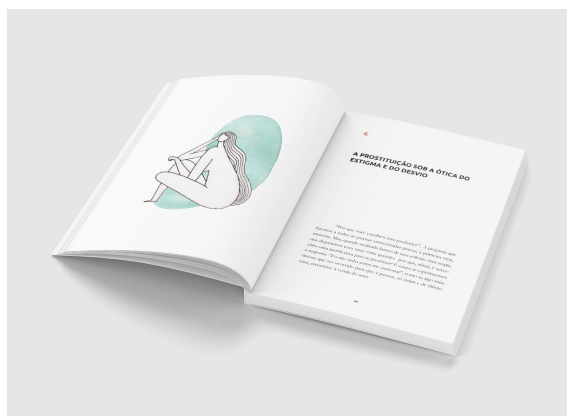
Rascunho, proposta de estilo.



Rascunho, proposta de estilo.



Rascunho de ilustração para o terceiro capítulo.



Mockup.



Propostas de capa apresentadas. As formas coloridas representam as garotas de programa entrevistadas; cada uma com seu estilo, forma e características únicas.

APÊNDICE F - Orçamento

Deslocamento para apuração: R\$100,00

Entrada na casa noturna Alpha Pub: R\$130,00 por pessoa

Diagramação e ilustração do produto⁵: R\$100,00

Impressão de 5 exemplares para a banca: R\$298,33

ANEXOS

ANEXO A - Projeto de Lei Gabriela Leite

PROJETO DE LEI Nº 4.211, DE 2012

(Do Sr. Jean Wyllys)

Regulamenta a atividade dos profissionais do sexo.

LEI GABRIELA LEITE

⁵ É importante ressaltar que o valor está muito abaixo do cobrado no mercado tendo em vista que o profissional contratado, por também ser universitário, buscava projetos para o seu portfólio e agiu com intenção de ajudar as autoras financeiramente no desenvolvimento do trabalho.

O Congresso Nacional Decreta:

Art. 1º. Considera-se profissional do sexo toda pessoa maior de dezoito anos e absolutamente capaz que voluntariamente presta serviços sexuais mediante remuneração.

§ 1º. É juridicamente exigível o pagamento pela prestação de serviços de natureza sexual a quem os contrata.

§ 2º. A obrigação de prestação de serviço sexual é pessoal e intransferível.

Art. 2º. É vedada a prática de exploração sexual.

Parágrafo único: São espécies de exploração sexual, além de outras estipuladas em legislação específica:

I- apropriação total ou maior que 50% do rendimento de prestação de serviço sexual por terceiro;

II- o não pagamento pelo serviço sexual contratado;

III- forçar alguém a praticar prostituição mediante grave ameaça ou violência.

Art. 3º. A/O profissional do sexo pode prestar serviços:

I - como trabalhador/a autônomo/a;

II - coletivamente em cooperativa.

Parágrafo único. A casa de prostituição é permitida desde que nela não se exerce qualquer tipo de exploração sexual.

Art. 4º. O Capítulo V da Parte Especial do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940, Código Penal, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Favorecimento da prostituição ou da exploração sexual.

Art. 228. Induzir ou atrair alguém à exploração sexual, ou impedir ou dificultar que alguém abandone a exploração sexual ou a prostituição.”

“Casa de exploração sexual

Art. 229. Manter, por conta própria ou de terceiro, estabelecimento em que ocorra exploração sexual, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente.”

“Rufianismo

Art. 230. Tirar proveito de exploração sexual, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça:”

“Art. 231. Promover a entrada, no território nacional, de alguém que nele venha a ser submetido à exploração sexual, ou a saída de alguém que vá exercê-la no estrangeiro.”

“Art. 231-A. Promover ou facilitar o deslocamento de alguém dentro do território nacional para ser submetido à exploração sexual:”

Art. 5º. O Profissional do sexo terá direito a aposentadoria especial de 25 anos, nos termos do artigo 57 da Lei 8.213, de 24 de julho de 1991.

Art. 6º. Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação.